

Todos os desportistas devem comprar a revista STADIUM

Stadium

N.º 204—30 de Outubro de 1946—Esc. 2\$00



BARRIGANA
DO FUTEBOL CLUB DO PORTO

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL

SEVERIANO CORREIA

Um treinador tem sempre que dizer...

Severiano Correia é dos treinadores portugueses de quem se pode esperar uma boa tarefa. Segue a profissão com devotado entusiasmo, estuda a função com interesse e tem a paixão dessa vida. E com facilidade expõe idéias, desenvolve temas e fornece uma opinião acertada, e com autoridade.

O seu nome é conhecido fora do continente e tanto assim que Lourenço Marques, por exemplo, tem-no reclamado. Esteve quase a deixar Lisboa e o Atlético, mas as atenções do clube cativaram-no e Severiano Correia ficou mais duas épocas. Depois...

Mercê destas circunstâncias reconhecemos a oportunidade de falarmos um pouco com o treinador do Atlético.

Eis a nossa primeira pergunta:

— A sua opinião sobre o Atlético?

— O Atlético, mercê de um conjunto de dificuldades que têm surgido no decorrer da sua existência tem-se limitado a defender o lugar que não o afaste muito dos primeiros.

Temos de trabalhar com matéria nova porque o recrutamento não nos é possível fazer, mas, talvez que um futuro próximo venha demonstrar que há males que vêm por bem.

Justificava-se, imediatamente, outra pergunta?

— Como justifica os altos e baixos do seu team?

— O Atlético é como uma oficina onde há poucos oficiais e muitos aprendizes. Por via disso vejo-me constantemente obrigado a elevar os aprendizes à categoria superior, onde não podem portanto desempenhar o lugar tanto a contento como aqueles que já têm a devida experiência. É pouco numeroso o grupo de jogadores do Atlético e por isso vejo-me obrigado a trabalhar cada jogador em 3 e 4 lugares, para que a equipa tenha sempre uma formação com o menor número de elementos. As constantes lesões têm-me obrigado a sucessivas modificações no team e quando isto sucede não pode haver regularidade.

No entanto espero em breve — e este Campeonato de Lisboa não tem outra finalidade — encontrar o grupo que mais me convenha para disputar o Nacional e creio, que uma vez lá o meu clube há-de conquistar lugar correspondente ao valor da sua Associação.

O fio da conversa levou-nos a outra pergunta:

— Qual o clube que vê melhor apetrechado para o Campeonato?

— Em princípio, a recuperação do Sporting no jogo da Tapadinha com o Atlético não me entusiasmou sobremaneira. Level mais esse feito para as coisas da bola. Mas o segundo jogo recentemente disputado levou-me a esta conclusão: o Sporting tem a melhor formação de Lisboa, neste momento. Parece-me que o título não lhe deve fugir. No entanto nada de deslumbramentos, porque o Benfica de tudo é capaz.

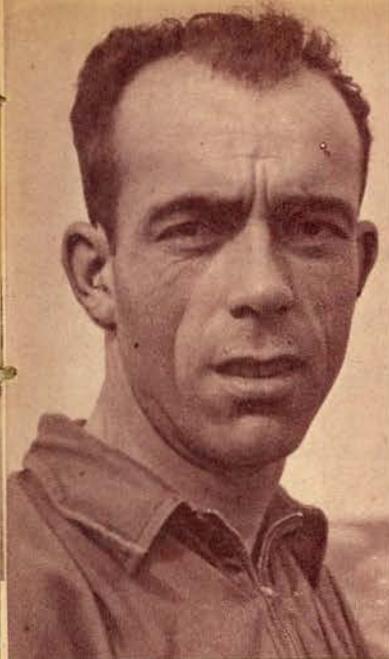
Depois uma outra, mais ou menos melindrosa:

— Que jogadores se destacam actualmente no Atlético?

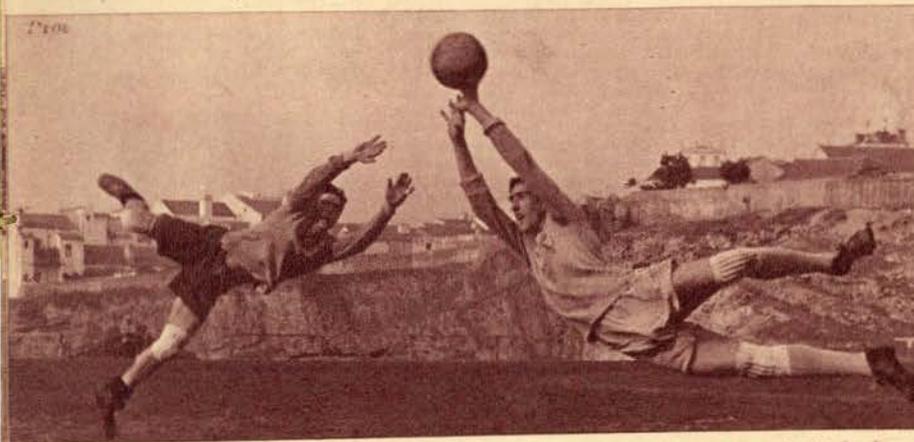
— Não gosto de me referir aos meus jogadores. Acho que a minha missão deve ser facilitar, por quanto a todos estimo e porque me convengo que procuram fazer aquilo que lhes ensino e aconselho, mas, há de determinar jogador a quem tenho de me referir e talvez isto represente um estímulo público: é o caso de Correia, esse guardaredes tão popularizado pela irregularidade. Não tenho receio em afirmar que essa irregularidade há-de terminar quando ele se convencer de que todos os avançados representam o mesmo perigo.

(Continua na pág. 15)

FERNANDO SÁ



Severiano Correia um treinador que acompanha a evolução do jogo!



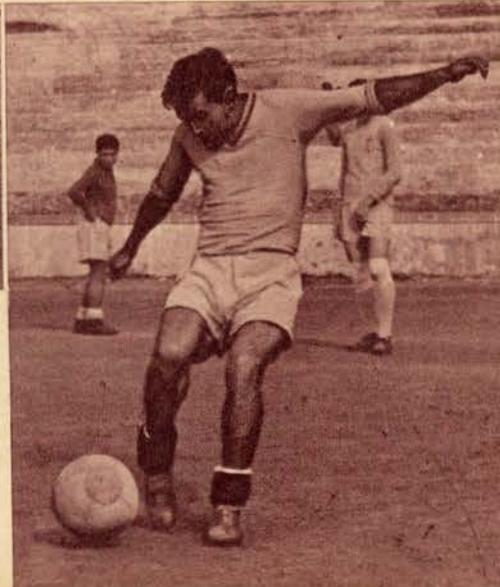
Guardaredes de treino: — dois guardaredes treinam-se ao mesmo tempo, na orientação de Severiano!



Treinador no meio e jogadores alinhados em duas filas. Atenção! Vai começar o treino do jogo de cabeça

NÃO se lembra por certo o público da bola, quando segue entusiasmado o desenvolver do jogo, vivendo intensamente com as mil e uma peripécias que o movimentam, os vários casos que rodearam a constituição daqueles grupos, o trabalho de escolher os onze elementos e de os preparar com boa soma de ensinamentos técnicos, ainda se na primeira fase da constituição de um grupo de futebol a direcção do clube é a entidade sobre quem recai esse encargo — responsabilidade atenta aos milhares de associados que não perdoarão um deslize — há hoje um elemento que vive a grande responsabilidade de um grupo de futebol: o treinador. E actualmente esta figura da bola não é meramente um sujeito que em tempos tivesse dado uns pontapés e agora se preste a treinar os jogadores.

A personalidade do treinador acompanha o desenvolvimento do futebol. Exige-se-lhe hoje saber e solicita-se-lhe uma bagagem técnica que sirva para compreender e preparar cada jogador, e ainda o conjunto. Se não é um mestre — no sentido valioso que a palavra reproduz — é contudo um conselheiro capaz de arcar com a responsabilidade daquilo que os seus onze jogadores vão fazer no campo.



O jogador aprende a dominar e passar a bola. É indispensável no jogo moderno, e no futebol de todos os tempos!

SALÉSIAS não resolveu o problema

Nos três campos verificaram-se lutas emotivas, mas jogou-se pouco!

Crónica de TAVARES DA SILVA



UBIRAM mais um degrau os seis concorrentes! Quase no fim — e ainda não se sabe a quem irá caber a Sorte Grande. Como é de tradição, a questão do *titulo*

poderá muito bem decidir-se só no Benfica-Sporting e este desafio realiza-se no último domingo do torneio. Quer dizer: o interesse deve manter-se até à última gota. Manter-se-á, por certo. A não



Albano (do Sporting) e Correia dos Santos (da Cuf)

ser que um feixe de surpresas venha num repente desencadear uma tempestade sobre a tabela. É difícil.

Lendo a *classificação geral* após a jornada número sete, verifica-se que, no fundo, a posição do Benfica em relação ao Sporting se mantém na mesma. As Salésias nada fizeram. Um ou dois pontos de diferença não alteram a face das coisas, e significa o mesmo. Quer dizer: o Sporting precisa de não perder no Campo Grande (basta-lhe o empate, é certo, mas isso é hipótese escassa!), e o Benfica tem de vencer, e não poderá empatar, se quiser o *titulo*. Por sua vez, o Belenenses distanciou-se mais um pouco, posto que conservando a terceira posição, que, no entanto, está ameaçada. Mas os azuis já não tinham grandes aspirações neste campeonato, e por esse lado tudo está certo.

O Atlético deu um pulo, vindo outra vez para o lugar do qual fora desalojado por aquele que, agora, corajosamente, conseguiu também expulsar. Deve dizer-se que o Atlético está no seu lugar próprio, encontrando-se, no entanto, em posição intranquila. A ameaça do Oriental pesa na sua cabeça. O grupo da Cuf está cá em baixo, mas o seu futebol é de boa marca. Na sétima jornada apuraram-se estes resultados:

Belenenses... 2 — Benfica.... 2
Sporting.... 3 — C. U. F..... 2
Oriental... 2 — Atlético.... 4

Não se praticou um futebol famoso! Nem de pura qualidade! Ao menos, e valha-nos isso, não tendo boa qualidade, as partidas decorreram com o interesse que dá o jogo com *perguntas e respostas*, animado, vivo, enérgico, e mesmo emotivo, devido à *dúvida dos resultados* quase até ao fim.

A *classificação geral* está assim ordenada: Sporting, 7 jogos, 5 vitórias e 2 empates, 31 bolas contra 14, 19 pontos; Benfica, 7 jogos, 4 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 28 bolas contra 13, 17 pontos; Belenenses, 7 jogos, 2 vitórias, 3 empates e 2 derrotas, 12 bolas contra 12, 14 pontos; Atlético, 7 jogos, 2 vitórias, 2 empates e 3 derrotas, 15 bolas contra 18, 13 pontos; Oriental, 7 jogos, 2 vitórias, 1 empate e 4 derrotas, 14 bolas contra 25, 12 pontos; Cuf, 7 jogos, 1 vitória e 6 derrotas, 11 bolas contra 29, 9 pontos.

O Benfica não perdeu nas Salésias



Benfica desceu às Salésias com toda a sua coragem. Decidido a tudo, no desejo manifeste e compreensível de ali não perder todo um campeonato...

Não nos esqueçamos que há desafios que valem um *titulo*.

Por fortuna, o Benfica dispõe de uma linha média, não só activa e corajosa, como ainda sabedora. Essa *medular* fez nas Salésias, pelos vistos, tudo quanto se pode fazer: numa fase, suportando com estoicismo a vaga de ataque, escaudante, que caía sobre o seu campo, e pondo termo a todos os maus momentos e tapando todos os buracos; em outra, imprimindo ao futebol benfiquense características de ataque, animando e empurrando os homens da frente. O Benfica viveu, principalmente, da sua linha média, com destaque para o centro Moreira, havendo a juntar-lhe os esforços isolados de outras unidades.

Talvez, por parte do Belenenses, se tenha verificado um ritmo mais certo ou maior equilíbrio. Na mecânica belenense, tão afinadinha na época transacta, to-

das as unidades conjugam com perfeição os seus movimentos. Os jogadores estão sempre aonde devem estar, e a sua aptidão prática faz o resto. Especialmente no capítulo ofensivo, as unidades belenenses comportaram-se com certa regularidade, construindo bem os seus esquemas. Mas a demora no remate inutilizou-lhe todo o esforço. Na *hora da verdade* surgiu sempre, rápido e voluntarioso, um defensor contrário a levar ou transportar a bola, partindo em seguida de seus pés ataques perigosos para os contrários.

Eis delineada a característica do encontro das Salésias: de um lado, mais homogeneidade; do outro, menos conjunto, mas jogo individual do melhor quilate. De um modo geral, julgando uma e outra equipa, tem-se como certo o resultado, apesar de qualquer delas ter oportunidades de vitória.

O Belenenses começou da melhor maneira — dominando. Registou-se depois um período de ataque do Benfica (o dos *goals*) e logo a seguir nova investida belenense. No segundo tempo, depois do empate, o futebol tornou-se ainda um pouco mais desconexo, jogando os *teams* com energia e com força, que é, como se sabe, um pouco inimiga da destreza e das jogadas lineares. O desafio, não se destacando como *qualidade*, forneceu momentos de beleza, além de profunda emoção. A emoção que dá sempre um *resultado igual*, e em que o desfecho se apresenta problemático até o minuto derradeiro. Os três tentos da primeira parte (José Pedro, Rogério e Arsénio) foram momentos magníficos.

Toda a defesa do Benfica portou-se bem, mas a linha média subiu muito alto. Na frente, os jogadores, pelo menos, os mais destacados, como Rogério, tiveram lances belos a par da mediania. O Belenenses afinou pela mesma bitola, destacando-se Vasco na defesa como o melhor belenense em campo, e Quaresma no ataque.

Os grupos alinharam da seguinte maneira, sob a arbitragem de Carlos Canuto.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Quaresma, José Pedro e Rafael.

Benfica: Machado, Artur Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Vitor e Rogério.

O Sporting venceu com dificuldades!



boa *forma* da linha de ataque do Sporting, a coberto da homogeneidade de todo o grupo, fazia prever um triunfo de certo modo fácil no

Lumiar A. E dizemos de certo modo fácil porque, em boa verdade, já o temos acentuado vá-



Moreira (do Benfica) e Vasco (do Belenenses)

rias vezes, todos os encontros são difíceis... Sempre mais do que se julga!

Dado o valor aproximado das equipas concorrentes ao Campeonato de Lisboa, qualquer grupo, actuando com energia e força de vontade, mesmo que inferior tecnicamente, poderá fazer a vida dura a qualquer *team* dos mais categorizados. A achamos, e importa diz-lo desde já, a Cuf um grupo com merecimento. Há no seu conjunto unidades habilidosas, mas mesmo as que o são menos — sabem jogar a bola, mover-se no terreno e dar seguimento ao lance. Julgamos esta base muito importante para um *team*: a Cuf tem ainda um ar simpático e modesto de grupo sem *estrelas*, ou com muito poucas, mas em que todas as unidades revelam jeito, disposição de jogo e vontade de acertar.

Veja-se o que se passou no domingo último. Os *leões*, apesar de não atingirem o seu melhor, e jogando sem esforço, chegaram a 3-1 antes do intervalo. Nem isso abalou a coragem eufista. Quando regressou ao campo, o grupo em desfavor não se considerava batido. Era antes um *onze* disposto a lutar e a pôr em campo, com ânimo, todas as suas armas.

Nessa segunda parte, o Sporting não perdeu o sentido de

O ESTORIL PRAIA

só pelo «goal-average» pode ser considerado «leader»

O Campeonato da II Divisão da A. F. L. teve no último domingo — sétima jornada da competição — um desafio de excepcional interesse: o Futebol Benfica-Estoril Praia, capaz, senão de ditar o vencedor da prova, de, pelo menos, fornecer preciosa indicação quanto à equipa que virá a conquistar o título.

Ainda o campeonato não havia principiado e já os benfiquistas e os estorilistas eram apontados como equipas mais capazes de succederem no extinto Fósforos na lista dos campeões. A carreira dans e doutros, até à sétima «ronda», mais radicou essa impressão. E o próprio desfecho da luta não modificou ideias; os dois clubes, «comandando» a classificação com igual número de pontos, ficaram na mesma posição, dado o empate que se verificou. Mas, recorrendo ao resultado do encontro da primeira volta, como não podia deixar de ser, a vantagem é dos rapazes da Costa do Sol. A não se verificarem surpresas até ao fim do campeonato, o título pertencerá ao Estoril Praia.

Embora não custe a aceitar o desfecho da luta entre o F. Benfica e o Estoril, é certo que a vitória dos estorilistas não deixaria de ser mais lógica. O empate, lisonjeiro para os benfiquistas, só foi possível pela feliz inspiração da equipa no curto prazo de 10 minutos, no começo da segunda parte. Só nesse lapso

de tempo, a equipa, a bem dizer, desfrutou de vantagem, aliás bem compensada com os dois golos. Depois os visitantes entregaram-se com denodo ao trabalho de recuperação e com tanta vontade de lagir à derrota, que puderam ofuscar, por completo, os donos do campo.

O Futebol Benfica tem a ete-nante de ter jogado durante muito tempo com dez homens — falta que, todavia, supria bem, graças ao entusiasmo com que os seus jogadores batalharam. O Operário foi o único clube que firmou claramente superioridade sobre o adversário: três tentos de vantagem ficaram a atestar o seu domínio sobre o Arroios.

É, na realidade, de louvar, o comportamento da antiga equipa de S. Vicente, que, no último domingo, ficou com o mesmo número de pontos dos «leaders». A equipa tem revelado apreciável regularidade. Do seu adversário de domingo pode dizer-se que não tem podido confirmar a estreia auspiciosa.

Em Sacarém, os locais não puderam evitar mais uma derrota, por sinal, em condições que não devem ter deixado convencidos os seus adeptos.

Jogando mal, caspianos e sacavenenses equivaleram-se. E o «goal» que ditou o resultado surgia numa grande penalidade — facto que abona muito pouco o comportamento dos avançados.

D. D.

DIRIGENTES?

As crises provocadas no meio desportivo português por insuficiência daqueles que se ascendem a dirigentes têm sido frequentes e graves.

Verificam-se a cada passo, espalhando-se umas pelos rumores da opinião pública, ficando outras mais vantajosamente recalcadas no segredo das esferas interessadas.

Com o incremento das práticas desportivas, com a importância da interferência orientadora do Estado, o desempenho da missão directiva recrudescer de responsabilidades e exige, hoje em dia, uma súpula de virtudes não corrente: conhecimentos técnicos, energia, bom senso, tacto, independência de critério, isenção, etc., etc.

A cada passo surgem, no desempenho das funções dirigentes, embaraços ou contrariedades, cuja resolução depende da atitude escolhida; os D. Quichote e os Ferrabraz, a esgrimirem contra os moinhos ou a apregoarem ameaças fanfarronas, não fazem carreira no meio desportivo.

Costa, França, Leitão, Augusto, Vicente e Moura.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Galinho, José Lopes, Moraes, Rosário, Armindo, Gregório, Marques e Manuel da Costa.

ataque, mas teve de consentir várias incursões do seu tenaz adversário, dando-se a *futebol de defesa*. Basta referir que, nesta parte, somente a Cuf marcou uma bola, e que oportunidades teve de marcar mais. Um pouco mais de rapidez e sentido de remate, e o Sporting não teria saído do campo, apesar de tudo, com um triunfo. A imagem do jogo dá-se nestas palavras: o Sporting, na fase derradeira, defendeu o *ponto da diferença* com unhas e dentes, e deu-se por satisfeito com o resultado. As coisas estiveram muito feias!

É difícil buscar as causas que determinaram um *futebol inferior* da parte leonina: um pouco o convencimento da superioridade, e muito má disposição de jogo. Em todo o caso, não devemos esquecer-nos que a expressão de um *team* depende essencialmente da linha medular, e que não é processo de jogo o serviço de *bolas para o ar*, tirando precisão ao futebol e originando o choque. Seja como for, a linha avançada dos *leões* não acertou nos desenhos, errando as demarcações. E do costumeado futebol rápido passou-se para um futebol mais vagaroso. Só Albano quis dar rapidez ao jogo sportingista. Rapidez e outras coisas.

Pode dizer-se que o *team* da Cuf tem hoje uma *estrela*: Gastão actuou a médio-centro, continuando a revelar belas qualidades físicas e técnicas, fôlego e entusiasmo, bom ataque e passe preciso. Mas um jogador tem o seu raio de acção e uma determinada medida de forças, e ao querer fazer tudo (o que deve fazer e o que devem fazer os seus camaradas!) perde-se. Um elemento de categoria deve ter assento. Sabemos que as *verduras* passam, mas não ficam mal estas palavras numa esperança do jogo. Também merece uma b a palavra, ou mais, o habilidoso Correia dos Santos.

Sob a arbitragem de António José dos Santos, os grupos formaram:

Cuf — Eduardo Santos, Alves, Armindo, Bernardo, Gastão, Curtinhal, Leitão, Correia dos Santos, Sousa Pereira, Armando Carneiro e Vicente.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Vargas, Canário, Veríssimo, Barrosa, Armando Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

Em cinco minutos decide-se um problema



QUALQUER *team* que visite Marvila e o seu campo tem de acalantar dentro de si a ideia de dar o máximo esforço. Lá só se ganha com o suor do rosto!

Os adeptos do novo clube estão a viver um belo momento, e em aqueles bairros assentou grande alegria. É evidente que estes sentimentos valorizam o grupo. No entanto, o próprio onze do Oriental precisa ainda de se aperfeiçoar muito. Como diz Vasco Rocha, e bem, os jogadores *orientais*, principalmente os avançados, necessitam de entregar-se a intensivo treino de domínio de bola, de fintas e de

Os que trabalham na «Stadium» tiveram, na semana finda, um duplo golpe: a morte da Sr.ª D. Adelina Seabra da Costa Freire, irmã da Sr.ª D. Maria Benedita Seabra Bernardo e tia do nosso querido amigo Sr. Amadeu Seabra; e o falecimento da sogra do nosso companheiro de trabalho Rodrigues Teles, D. Rita Freitas Valente.

Os trabalhadores da «Stadium» formam uma verdadeira família, cada qual tomando para si um quinhão da tristeza comum. «Stadium» apresenta às famílias enlutadas, sentidamente, as suas condolências, com a afirmação de que as acompanha no transe doloroso que acabam de sofrer.

enganos. Numa palavra, aperfeiçoar-se no capítulo técnico.

O Oriental começou melhor do que o seu adversário, na sua maneira aguerrida e enérgica. A prova é que o Atlético viu-se obrigado a pensar na defesa e a tratar dela, cuidadosamente. Significa isto: ao desejo firme de um lado de marcar bolas, opôs o outro lado a vontade de não as deixar marcar. Ao pôr-se, deste modo, a questão, não devemos esquecer que um grupo razoavelmente organizado (caso do Atlético) passa com relativa facilidade da defesa para o ataque. Ai do adversário, se, dominando, se deixa adormecer e não marca bolas!

A deficiência de remate do Oriental e o excelente labor defensivo do Atlético, mesmo com os interiores recuados, permitiu que o resultado da primeira parte fosse um empate a uma bola.

Sem dúvida, animado pelo que, apesar de tudo, se passara na primeira parte, o Atlético começou o segundo tempo mais animoso, e espreitando uma oportunidade e um golpe. Caso ele surgisse, os *atléticos* não deixariam de cair imediatamente sobre a sua presa. Não nos devemos esquecer que os desafios ganham-se e perdem-se num momento. Se uma jogada de boa factura, ou de inspiração individual, é, quantas vezes!, o suficiente para decidir o pleito, não deve estranhar-se que um *team*, jogando em toada inferior quase todo um encontro, venha afinal a ganhar — em cinco minutos de bom futebol.

Porque, verdade seja, o Atlético conseguiu os 3 pontos da tabela num escasso período da segunda parte, entre os 23 e os 27 minutos. Nesse período, o Atlético colocou-se em vencedor e consentiu o empate. Um pouco depois, com duas bolas, resolveu o problema: grupo que passa de um empate 2-2 a 4-2 já não poderá perder. Somente em casos excepcionais. Para esta façanha do Atlético contribuiu, poderosa e eficazmente, a inspiração de Manuel da Costa, que insistiu no joço de ataque, *coordenando e dirigindo* o futebol. Foi ele o grande artífice do triunfo.

Os grupos alinharam, sob a arbitragem de Mário Ribeiro Sanchez, desta maneira:

Oriental — Fernando, Abana, Moraes, Isidoro, Custódio, Carlos

O ORIENTAL

Um Grande Clube em formação



Gustavo Teixeira o treinador competente e dedicado do Oriental

Sou franca e absolutamente pelas fusões. Mas não pelas fusões a esmo, a trouxe-mouxe... Não. Considero-as úteis porque, em verdade, o são, quando, juntando dois ou três clubes — ou mais! — se «cria» um forte, poderoso, com grandes possibilidades de bem exercer a sua bela missão social e educativa.

Um exemplo: a fusão «Caravelinhos União» que nos deu esse magnífico e progressivo Atlético. O Atlético que nos deu a «nova Tapadinha»!

Outro exemplo: a fusão dos clubes de Almada.

E, agora, a que originou esta reportagem: a fusão dos três «Fósforos-Chelas-Marvilenses», que nos deu o Clube Oriental de Lisboa.

Dois bairros — três clubes. Chelas tinha o seu. Marvila tinha dois. Sim — porque o Fósforos não era só do pessoal dos fósforos. Toda a gente reconhecia que a dispersão era prejudicial, mas várias tentativas de fusão não surtiram efeito. Até que... Até que, finalmente, apareceu o Oriental — o clube de Chelas e de Marvila, de Xabregas e do Beato, e do Poço do Bispo.

O Oriental surgiu como uma coisa nova. À sua volta criou-se, justificadamente, um ambiente de enorme curiosidade. O futebol foi a primeira manifestação de vida no novo clube e a primeira saída do «team» de honra foi um êxito. Os rapazes da camisola carmesim, com essa interessante novidade — em clubes portugueses — dos números nas costas, bateram-se com entusiasmo, energia e brio desportivo. E o Belenenses, o campeão, teve dificuldade em vencer. Depois: o empate com o Atlético, na relva da Tapadinha, como o primeiro jogo na relva das Salésias; e os desaires com o Sporting e o Benfica, aos quais não estiveram estranhos a lei inexorável das lesões; o triunfo sobre a Cuf, já no campo «Eng.º Carlos Salema» — até à retumbante vitória, merecida vamos, sobre os campeões.

E se outros factos não houvesse — este, o do triunfo sobre os belenenses, só por si justificava a fusão.

Nesse domingo memorável para o Oriental uma onda de entusiasmo varreu de lés-a-lés aquela parte da cidade. E do lado oposto sentiu-se que do oriente cidadão vinha alguma coisa de novo...

Eis o Oriental em foco. A pedir uma reportagem vivida no seu próprio ambiente... O feriado da cidade veio a propósito. Tratei de o aproveitar. Manhã cedo — uma manhã deliciosa, fresca, uma linda manhã lisboeta — tomei o ramo do campo «Eng.º Carlos Salema». Não estou arrependido. O que ali vi deu-me viva satisfação e a certeza de que o novo clube dispõe de sólidos alicerces. Marvila, Chelas, Poço do Bispo, etc. — o oriente de Lisboa é um viveiro inesgotável de jogadores. Nada menos de 70 rapazes — sim, leitor, setenta! — evoluíram no campo. E no meio deles vi Mário Marques da Silva, uma das «almas» da fusão, alegre, contente consigo próprio — e com a sua obra... Gustavo Teixeira, o treinador, assistido de Armando Banhos, um bom jogador e uma dedicação, observava, perscrutava com os seus olhos conhecedores, a habilidade dos «miudots». De quando em quando estendia o braço na direcção de um dos rapazes. Não havia dúvidas — aquele era um dos escolhidos...

Durante uma hora entrei-me a ver o treino. Quase me esqueci de ver o campo. Que transformação! O recinto chamado «peão» vem até meio do antigo campo do Fósforos. Joga-se, agora, no antigo campo do Marvilense, de costas para o rio, a rebilhar lá ao longe sob o sol radioso da nossa cidade-luz, foi levantada uma bancada. E' a do antigo campo do Chelas, um pouco maior, porém.

Quando a função terminou conversei com Gustavo e Mário Marques. E este disse-me isto:

— Estes foram os primeiros setenta a serem vistos. Na próxima sexta-feira vem por aqui que vêm outros setenta!

— Mas então?

— Concorremos com dois grupos ao campeonato de juniores. E se a despesa não fosse grande, levaríamos mais. Gente não falta!

«Aqui o nosso «mister», acrescenta apontando Gustavo Teixeira, tem por onde trabalhar. E o nosso dedicado médico, o Dr. José Maria Cardoso, e o professor de ginástica, Carlos Diegues, também tem que fazer...

— Enfim, «isto» marcha...

Falamos depois das obras do campo.

O Mário Marques revela-me dificuldades, falta de auxílios prometidos, hipoteca de receitas...

— Prometeram-nos uma escavadeira para facilitar os trabalhos mas, por qualquer motivo, ela não veio ainda. Contudo, confiamos.

«Agora vamos servindo-nos apenas de sete trabalhadores, utilizados como... escavadores! Isto é, as obras prasseguem ao ritmo das receitas dos jogos, parte das quais, porém são absorvidas para liquidação dos empréstimos que nos fizem a F. P. F. e a A. F. L.

— E outra parte...

— Já nem vale a pena falar nisso. Porque te referes, com certeza, aos impostos...

— Mas, com todas as dificuldades, «isto» vai...

Devo, agora, um esclarecimento aos meus leitores: o «isto» que o Mário Marques já empregou duas vezes — é o Oriental. Portanto, concluo, concluamos todos: O Oriental marcha!

Quis fazer uma reportagem vivida do clube. Dei-a por terminada aqui, no campo. E no dia seguinte, à noite, fui até à sede do clube, instalada na antiga sede do Marvilense.

Movimento desusado. Ambiente de optimismo, de confiança, de entusiasmo. Não falta um director. A custo, porém, descortino o Mário Marques da Silva, perdido no meio de dezenas de rapazes — cada um a falar ao mesmo tempo... Por fim emerge a cabeça do dedicado dirigente, emergem os ombros, os braços — todo ele! Risonho, feliz, esclarece-me:

— São os meus rapazes, os que viste ontem no campo?

Por momentos furto o Mário ao convívio dos seus rapazes. Pretendo que me forneça elementos para completar a reportagem.

— Reparaste no movimento? Pois, meu caro, aos domingos é o «fim do mundo»! A sede é já insuficiente para a vida do clube, porque os sócios são cada vez mais. Vamos em cinco mil! E todos os dias entram mais. «Isto» marcha...

— «A classificação, o comportamento dos jogadores, redobram o entusiasmo. A «fusão» consolida-se. No domingo, depois do desafio com o Belenenses andou tudo doido, positivamente doido. Até eu!

E com um entusiasmo que o brilho do olhar reflecte, o Mário Marques dá-me novos pormenores:

— O comércio e a indústria local amparam-nos. Chegam-nos donativos, auxílios valiosos, palavras de confiança e de estímulo, que também são precisas. Aparecem por toda a parte, emblemas do clube. Alguns estabelecimentos estão a ser pintados com as nossas cores!...

«E alguns elementos dos três clubes que ficaram de fora, ao principio, por não concordarem com a fusão, consideram-se já vencidos e convencidos. Já são sócios do clube. O Oriental triunfa!

MANUEL MOTA



Um aspecto do treino de que damos nota nesta página. Parece um desafio a sério!



Mário Marques da Silva, uma dedicação indefectível posta ao serviço do novo clube, na companhia dos futuros jogadores — que poderão sempre contar com o seu entusiasmo e a sua experiência.



Toureiro, sem touro, seria inferior, em arte, ao baile, e por assim ser alguns toureiros abandonaram os touros para se classificarem como bailarinos. Pensou em tal o matador de touros Fernando Dominguez, de Valladolid, a provincia dos bons bailarinos, como Mariemma e Vicente Escudero. E assim fez um antigo toureiro, "El Feo", depois conhecido no mundo do baile por "El Estampio", mestre de mestres, o último mestre do bom baile "flamenco".

Já septuagenário vimo-lo há dias, em Madrid, dar lições de baile "flamenco" a Mariemma que está estudando a fundo a difíil especialidade da arte em que atingiu o supremo grau, o melhor lugar da actualidade, depois da inesquecível Antónia Mecê, "Argentina". Foi num recital de "Argentina", que para nele tomar parte veio expressamente de Paris a Madrid, que pela última vez se exhibiu em público "El Estampio". E os que não conheciam, a gente nova, pasmou ao ver aquele velho alquebrado transformar-se num jovem, erguido o busto e os braços, tal como acontecia a Juan Belmonte quando de "Rigoletto" se transformou, diante dos touros, no elegante Duque de Mantua".

Foi assim que o vimos durante a lição de Mariemma e quando ele próprio se erguia da cadeira para marcar um "desplante" rápido e perfeito no jogo inimitável dos braços.

Recordámos aquele outro bailarino "flamenco" que passou por Lisboa com a Companhia de Eulógio Velasco, António Bilbao que, já gordo ainda se arrancava para bordar com os pés a mais fina renda do baile.

"El Estampio", na sua evolução de toureiro a bailarino, criou uma fantasia que o tornou célebre e que participava do toureiro



Mariemma, bailarina completa, até no género «flamenco», «flamenco» e bailarina de harmonia dos braços à lizicra dos pés, sabe girar a «bata de colas», deixando esta atrás, em linha recta, quando, nos diferentes passos da «falseta», dá a volta rápida com parada em firme, erguida e soberana a figura, como um toureiro diante do touro. Assim bailava, com classicismo, Antónia Mecê. Assim, com «flamencuismo», bailavam as melhores das antas

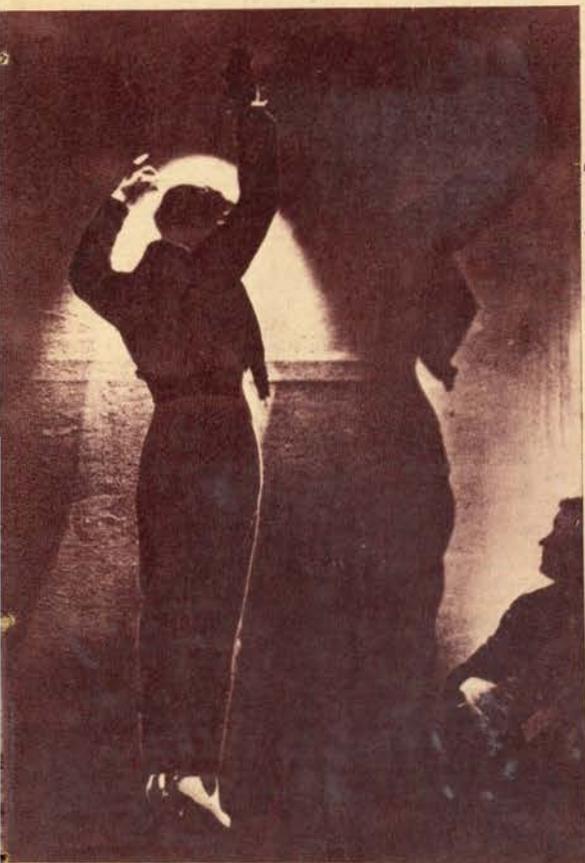
O TOUREIRO

inferior
ao
BAILE?

e do baile. Imitando o toureiro bailava "El Estampio" toda uma coreia, especialmente as sortes de um picador com "caídas" prodigiosas de ginástica, com graça e ritmo. Agora é o último mestre daquele baile que consagrou as "bailaoras flamencas" como a "Macarrona" e a "Malena" do "cuadro flamenco" de "El Kursal", ponto de reunião dos que há trinta anos frequentámos as Feiras de Sevilha, então ainda com o bailarino Ramirez. E, a fé de "aficionados", teve muito de toureiro e de baile áquela lição, pelo mestre e pela discípula, mostra já em todo o baile e até neste. Foram ambos de ver e admirar sempre que o primeiro exemplificava, e a segunda executava aqueles "desplantes", seguidos de "parada en firme" para entrar em "falseta" quando a cauda da bata da bailarina fica atrás, em linha recta, e quando, nos diferentes passos da "falseta", ela dá uma volta rápida, sempre com "parada en firme", e com os pés suavemente girando a cauda da bata.

E tudo isto, executado com o acompanhamento da guitarra espanhola — a viuéla ou viola — marcando nos bordões o ritmo de um bom tocador como Duque, tem muito do toureiro sevilhano, e mais do toureiro cigano. De Rafael "El Gallo" a "Gitanillo de Triana" vimos na arena atitudes, "desplantes", muito semelhantes, em graça e ritmo, a estas do baile "flamenco". Mas, se não fóra a presença do touro, o que ambos fazem seria inferior ao baile, considerado como arte. Por isso se defende o touro, o touro que dá emoção, para que o toureiro não seja inferior ao baile. E, aqui para nós, há toureiros que bailam até diante do touro...

EL TERRIBLE PÉREZ



E este «desplante» de bailarino evoca um bandalheiro quando, depois de cravar, levanta os braços e gira a figura, saindo do «cuarteo» para dar saída ao touro. Assim, erguida a figura, toureava Rafael «El Gallo», e depois Joaquim Rodríguez «Cañancho». Baile «flamenco», toureiro «gitano», de um ao outro vai apenas a presença do touro...

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

BOXE

Novo triunfo de Cerdan

PARA o campeonato francês dos «médios» jogaram, em Paris, Marcel Cerdan, titular, e Jean Pankowiak, pretendente. A superioridade do campeão manifestou-se desde o começo e no 3.º assalto acentuou o seu domínio. No 4.º Pankowiak caiu duas vezes, pela contagem de nove e de quatro segundos, e no início do assalto imediato foi definitivamente abatido.

EM ESPANHA

NO Circo Gran Price, de Barcelona, efectuou-se uma sessão durante a qual o pugilista maiorquino Martí II, campeão da Catalunha e das Balears, venceu por pontos o galego Alejos, nosso conhecido e fortíssimo socador. Os três primeiros assaltos couberam a Alejos, que se mostrou brilhante. Depois, no quarto e quinto, Martí dominou, mas cedeu no sexto para retomar a iniciativa nos dois restantes. A decisão foi justa mas obtida por escassa margem pontual.

HIPISMO

EM INGLATERRA

DIZEM os jornais ingleses (e parece terem razão...) que o racionamento alimentar lhes proporcionou, este ano, derrotas estrondosas sobre a relva das pistas cavallares.

Os equídeos criados em França dispõem de boa aveia e alinham à partida das provas com reservas de energia superiores.

Souverain, um magnífico poltro de três anos, ganhou a *Airborne*, que vencerá o Derby D'Epsom e o Saint Léger, na prova denominada «Prémio Rei Jorge VI» e *Monsieur L'Amiral*, também francês como o antecedente, conquistou a vitória no prémio «Cesarewitch», deixando consternados os britânicos e impando de justificada alegria os compatriotas do general de Gaulle.

Isto sem falar nos proprietários.

RUGBY

O 1.º Inglaterra-Gales

NO primeiro encontro internacional da presente época, Gales derrotou a Inglaterra contra a corrente do jogo, por 13 pontos a 10.

Os avançados ingleses exerceram domínio territorial durante muito tempo, mas foram incapazes de materializar essa superioridade.

Os clubes ingleses que visita-

NOTA DA SEMANA

EM todos os países da América do Sul, no México, em Cuba, Miami (E. U. A.), em Bruxelas (Bélgica) Xangai e Tientsin (China), no Sul da França, etc., pratica-se actualmente um desporto de grande valor atlético, espectacular, desconhecido por completo dos portugueses: a pelota vasca.

Surgiu nas províncias vascongadas, em Espanha, e goza do prestígio único de ser o jogo mais veloz que se conhece. No tempo do cruel Filipe II executava-se atirando uma bola contra a parede de qualquer edifício—em regra serviam as igrejas—apanhando-a no ressalto e devolvendo-a de novo contra o muro, para que fosse recolhida e reenviada pelo jogador adversário.

Em três séculos, a modalidade evoluiu muito. Inventou-se, até, a cesta recurva, justa ao pulso, que protege a palma da mão contra os choques sucessivos e brutais do projectil.

Apesar disso, os desafios com a mão nua prosseguem e se a técnica refinou, atingindo culminâncias, a finalidade do jogo permanece a mesma. A paixão enche os frontões de apostas tremendas e os «ases», como Chiquito de Cambo do lado francês e Mondragonés do de Espanha, vivem rodeados de uma auréola que exaltia os profanos.

Mondragonés foi campeão dez anos consecutivos, cedendo o cetro a Alano III, que o oslenta há vinte!

Talento, rapidez, força e resistência são os quatro pilares da sabedoria pelotária. Com tudo isto, exige-se uma vida monástica, de asceta.

O Fronlon Moderno, de San Sebastian; o Astelana, de Eibar; o Euskalduna, de Bilbao, etc., são os cenários mais notáveis. Agora, em Eibar, Alano III arriscou o diadema da supremacia e venceu de novo. Bravo, Mariano Juaristi, vulgo Alano III!

Os 43 anos de idade, longe de o diminuírem, chegam bem para afligir moços valorosos como Acarrégui. Seus colegas, os Tilden, Tunney, Babe Ruth, Jim Londos, Gaudin, Weissmuller e outros—moçarcos no ténis, no boxe, basebola, luta, esgrima e natação—sucumbiram há muito, enquanto o pelotari mantém a supremacia conquistada a 8-11-926, de campeão nacional e do Mundo.

Vinte anos de realza e predomínio! Nem Chiquito de Iraeta, nem Alano VII, nem Filipe, nem, agora, o jovem e magnífico Acarrégui, conseguiram emular ou reduzi-la. Este, sim, é um campeão de longevidade.

PESOS e ALTERES

O Campeonato Mundial de Força

DEPOIS de acalorada discussão e apenas por um voto de diferença, a Federação Alterófila Internacional, reunida em Paris, decidiu aceitar a Rússia como participante do Campeonato do Mundo (Amador), recentemente celebrado.

A Áustria, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo, Suíça e Checoslováquia foram favoráveis; a Inglaterra, Suécia, Estados-Unidos, Noruega e Finlândia contrariaram a proposta, pois consideraram os atletas russos como autênticos profissionais.

A competição teve lugar no Palácio Chaillot e quase desde o primeiro momento foram caindo os recordes estabelecidos antes da guerra. Os verdadeiros «heróis»

ram algumas cidades galesas foram copiosamente batidos: Cardiff derrotou Gloucester (20 a 8), Newport venceu Blackheath (11 3), Swansea ganhou a Richmond e Aberavon superou Guy.

deste campeonato, o russo Novak e o preto americano Lewis, dominaram amplamente o conjunto.

A prova consistiu na execução de três exercícios clássicos com duas mãos: *arraché*, *jeté* e *desveloppé*. Eis os resultados:

Peso semi-leve: Anderson (Suécia) com 320 quilos; 2.º—Nahhanoud Fayad (Egipto); 3.º—Kassaniak (Rússia).

Peso leve: Stanley Stanczyk (Estados-Unidos) com 367,5 quilos—recorde mundial que bate o precedente, de Tony Terlazzo; 2.º—Sviatko (Rússia) com 345,5 quilos; 3.º—Popoff (Rússia) com 335 quilos.

Peso médio: Khade-el-Touni (Egipto) com 377,500; 2.º—John Terpak (Estados-Unidos) com 375 quilos; 3.º—Spellman (E. U. A.) com 372,500.

Peso semi-pesado: Novak (Rússia); 2.º—Frank (E. U. A.); 3.º—Ferrari (França).

Peso pesado: John Lewis (E. U. A.); 2.º—Jack Koutchenko (Rússia); 3.º—Geysa (Egipto).

Por equipas, os Estados-Unidos totalizaram 221 pontos, seguidos da Rússia, Egipto, Suécia e França.

Gales, 3 — Escócia, 1

OS escoceses partiram de Glasgow acompanhados de partidários conduzindo panelas, frigideiras e outros objectos destinados a produzir ruídos de vitória, mas deixaram o terreno de Wrexham em silêncio.

Foi uma grande desilusão, sem atenuantes, porque Gales ganhou por seu mérito, executando magnífico futebol e sabendo achar os pontos fracos da defesa da Escócia.

O primeiro tempo acabou sem tentos. No segundo, a Escócia marcou de grande penalidade, mas em seguida os galenses enfiaram 3 tentos de superior factura.

EM INGLATERRA

A meio da semana finda, a posição dos clubes principais que disputam o campeonato das Ligas era sensivelmente a mesma de oito dias antes.

O Blackpool continua à frente na Liga I, vencendo o Manchester United—um dos três clubes que o persegue—por 3 bolas a 1. Liverpool, o mais perigoso e melhor realizador, ganhou ao Huddersfield por 4-1, jogando fora de casa.

Wolves, como Blackpool, tem menos um desafio. Dispôs do Leeds United por 1-0 com certa dificuldade.

A classificação actual estabelece-se do modo seguinte: Blackpool, com 18 pontos em 12 jogos; Manchester United (15 em 11); Wolves (15 em 12) e Liverpool (15 em 11).

Na cauda, com 5 pontos, conserva-se o Newport County, apesar de ter vencido o Bury (1-0) fora de casa.

Na Liga III (Norte) Doncaster e Chester persistem na guarda-avançada. O primeiro, com 20 pontos em 11 jogos, venceu York City (4-1) fora de casa, enquanto que Chester aguarda oportunidade de medir forças com Stockport. Na cauda permanece Southport (4 pontos).

Na mesma Liga (Sul) o Cardiff City, o Bristol City e Queens Park Rangers mantêm-se em emulação. O primeiro empatou com o último (2-2), mas o segundo aplicou 5 tentos a 2 ao Mansfield Town, um clube do terço dianteiro.

Na cauda figura Norwich C., apenas com 5 pontos em 12 jogos disputados.

Sunderland baixou para 4.ª posição, após a derrota que Grimsby Town lhe propinou.

Na cauda do grupo figura, agora, Huddersfield com 5 pontos. Arsenal, vencendo Stock City (1-0), aumentou a pontuação e melhorou um pouco de lugar.

Na Liga II deu-se uma descida brusca do Newcastle, vencido por Bradford (2-1) fora de casa. O guia do grupamento continua a ser Barnsley, mas West Bromwich Albion, Fulham e Burnley seguem-no de perto, a um ponto de diferença e menos um jogo.

No princípio da época, Newcastle prometeu imenso. Demonstrou du rante alguns jogos possuir um traço defensivo calmo e seguro, uma linha mediana robusta e activa e cinco dianteiros rápidos e decididos. Depois, decaiu um pouco.

Há resposta para tudo...

Cada leitor deverá fazer-nos apenas uma pergunta. Queremos contentar todos; e de outro modo não há possibilidade de acertar o passo.

P. 437—Qual dos dois, Álvaro Cardoso e Gaspar Pinto, foi mais vezes internacional? Trata-se de uma aposta entre um água e um leão? (Antônio Braz Gamito, de Santiago do Cacém).

R. 437—Cardoso é 8 vezes internacional e Gaspar Pinto foi 7.

P. 438—Qual é actualmente o grupo mais completo em Portugal. Dos três grandes: Sporting, Belenenses e Benfica?

Também lhe agradecia que me indicasse a direcção da sede do Sporting? (De Fernando da Silva Gonçalves, de Famalicão).

R. 438—O Sporting é o que está em melhor forma.

Sede do Sporting: Rua Alves Correia, 183-1.º.

P. 439—Quais as idades de Pinto Machado, Azevedo, Francisco Ferreira e Martins? (De Arnaldo Marques dos Santos, de Vilar Seco, Nelas).

R. 439—Pinto Machado nasceu a 12 de Fevereiro de 1926; Azevedo a 10 de Julho de 1915; F. Ferreira a 23 de Agosto de 1919; e Martins a 27 de Julho de 1913. E' só fazer as contas...

P. 440—Qual é actualmente a melhor linha avançada: a do Sporting, com Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano; ou a do Benfica, com Mário Rui, Arsenio, Espírito Santo, Corona e Rogério? (De um sportingista ferrenho da Póvoa de Varzim).

R. 440—Em vez de Corona deve por-se Vitor Baptista. E no lugar de Espírito Santo, Julio. Mesmo assim, a linha sportingista é a que tem feito melhores exhibições, embora o ataque do Benfica seja de respeito.

P. 441—Quantas vezes foram internacionais: Azevedo, Cardoso, Amaro, Xico Ferreira e Peyroteo? (De Luis Pires, de Sanlarem).

R. 441—Azevedo, 15 vezes; de Cardoso diz-se acima; Amaro, 13; Xico Ferreira, 9; e Peyroteo, 11 vezes.

P. 442—Pedia por muito favor o obséquio de me indicar os nomes dos clubes vencedores do Campeonato de Lisboa de futebol, desde que a competição se começou a disputar até agora? (De Rogério Ramos Pais Silva).

R. 442—1907, 8 e 9, Carcavelos; 1910, Benfica; 1911, Internacional; 1912, 13 e 14, Benfica; 1915, Sporting; 1916, 17 e 18, Benfica; 1919, Sporting; 1920, Benfica; 1921, Casa Pia; 1922 e 23, Sporting; 1924, Vitória de Setúbal; 1925, Sporting; 1926, Belenenses; 1927, Vitória de Setúbal; 1928, Sporting; 1929 e 1930, Belenenses; 1931, Sporting; 1932, Belenenses; 1933, Benfica; 1934, 35, 36, 37, 38 e 39, Sporting; 1940, Benfica; 1941, 42 e 43, Sporting; 1944, Belenenses; 1945, Sporting; 1946, Belenenses.

No Mundo da Bola

PeLo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

Vários jornalistas insistem na necessidade de uniformidade da interpretação das Regras, e na destriça justa do jogo feio e do jogo leal. Aparentam-se alvitre a Comissão de Lisboa, mas, que sabemos, este Organismo não dá sinais de vida. E mais cómodo continuar a fazer as nomeações—deixando correr o marfim!

Há desafios em que se vêem os jogadores praticarem brutalidades, ou portarem-se com a maior das incorrecções, e ficarem em campo. Outros, então, em que se dá o contraste: o jogador é a vítima!

Ainda outro dia, num desafio das categorias inferiores, vimos expulsar um jogador só por este ter dito, reportando-se a uma jogada que se desenrolava na sua frente:—O' Sr. árbitro! Isto é falta!

O juiz de campo ordenou imediatamente a expulsão, dizendo mais tarde, no boletim, ter sido outra a expressão, e invocando já advertência anterior. Nós estávamos ao pé. Entre nós e o jogador, a quando do desabafo, a distância era menor que entre o jogador e o árbitro. E de ficarmos a cismar...

Os árbitros que dirigem as segundas categorias devem ser inflexíveis para os jogadores de mau intuito, que mostram claramente, na forma como procedem, o seu instinto de maus desportistas e de homens vingalvos.

Com um castigo a tempo é possível que estes jogadores ainda se corrijam. Mas se as suas feias acções passarem em claro, o jogador não mais terá emenda. Se chegar ao cimo da montanha, aí do adversário!

De quando em vez aparecem nos periódicos notícias sensacionais respeitando à deslocação para o estrangeiro de jogadores portugueses, e sempre de jogadores de renome, claro está!

Do filme do Brasil com o Feliciano já ninguém se lembra. Hoje, a sua recordação provoca apenas um sorriso!

Mas está a decorrer outra fita, com interesse: a deslocação, por convite catalão, de Peyroteo e Rogério para Barcelona e para o clube titular.

Quase podemos garantir que não se passará de palavras e de duas entrevistas mais ou menos formais, e daqui a algum tempo, ao falar-se do assunto, também não deixaremos de sorrir!

Já começou a implantação do jogo de posição em Espanha! Apesar de muito desdenhado naquele

Segunda divisão

A Segunda Divisão do Campeonato Nacional é um problema! A sua mecânica não satisfaz, de um modo geral, nem aos clubes nem às pessoas. O agrupamento por séries, muito reduzidas e compactas, para evitar grandes deslocações, dá a esta competição um ar confuso, e podendo manter-lhe um interesse regional, não lhe dá o interesse geral, que é aquele que outorga verdadeira categoria aos campeonatos. Quem, mesmo vivendo no meio da bola, segue os primeiros passos da Segunda Divisão? No entanto, na experiência da poule mínima da época passada, é fora de dúvida que o Torneio despertou a atenção dos adeptos, e alguns desses encontros foram presenciados com viva curiosidade. Não nos recorda agora se os resultados económicos dessa poule foram compensadores, se, pelo menos, a competição foi suficiente para acorrer a si própria, mas é indiscutível que foi dado aos dirigentes como que um ponto de partida.

A Segunda Divisão lucrará quando se lhe der uma estrutura mais adequada, e que ponha os clubes, de certo modo importantes, bem patentes ao público da bola. Os resultados serão depois o resto. Como esses desafios, regra geral, se poderão efectuar em terras sem lutas da Primeira Divisão, ou então conjugar-se devidamente os campeonatos, talvez que as receitas sejam suficientes para ocorrer às despesas do mesmo.

Acetilando a mecânica da Primeira Divisão, e dividindo-se o país em duas zonas, em cada campeonato de zona, tomariam parte, por exemplo, oito clubes, apurados em fórmula bem estudada e posta com a necessária antecedência. Um desafio-fim, ou uma poule final de quatro apurados, decidiria depois o título.

Este sistema evitará, em certa medida, ainda, as deslocações onerosas, dando à Segunda Divisão a classe que actualmente lhe falta, na sua divisão e subdivisão de Séries e Grupos. Tornaria possível que todos seguissem com interesse a competição, desde a primeira jornada: sempre seriam clubes relativamente importantes a lutarem uns contra os outros, desde a primeira hora. Seja, como for, este ou outro sistema que se adopte, o mecânica de agora não interessa e deverá alterar-se, mesmo que tenham de ficar de fora muitos dos que, pelo processo que vigora, lá estão, nessa tão discutida Segunda Divisão.

CORRE QUE...

Raul Vieira, secretário geral da Federação de Futebol, vai esclarecer publicamente algumas das questões sobre transferências postas pelo nosso prezado camarada de imprensa Alves Teixeira.

Do Conselho Técnico da Associação de Futebol de Lisboa vai indicar o Seleccionador Regional, com vista ao Lisboa-Paris de 15 de Dezembro próximo.

Ao contrário do que chegou a correr, o "team" de Lisboa que se apresentará contra Paris

país, e de quase todos os técnicos e treinadores se lhe oporem com veemência, Zamora procede a várias experiências e julgamos que outros orientadores...

Os resultados não são animadores. Zamora é o primeiro a pronunciar-se, afirmando que o jogador espanhol tem um temperamento muito ardente para que se meta estritamente na função modelada na lição teórica.

Apesar de tudo, e por estar provado que o temperamento latino se liga com os sistemas modernos, as novas concepções devem introduzir-se no futebol espanhol, demore mais ou menos tempo.

incluirá os melhores jogadores, internacionais ou não.

O árbitro Abel Ferreira, que dirigiu o Belenenses-Sporting, não mais dirigirá encontros em que os "leões" intervenham.

As actuais relações entre a Federação Portuguesa e a Associação do Porto são o mais cordiais que é possível, assentando em justa compreensão.

Apesar de tudo quanto se diz, ou se tem dito, não há sinais de que a Comissão Central de Árbitros venha a completar-se, ou a renovar-se.

O desafio Lisboa-Madrid ainda não está posto de Indo, apesar de evidentes dificuldades na sua efectivação.

O extremo-esquerdo adquirido pelo Sporting e que joga na Segunda Categoria é elemento de bom futuro. A aquisição foi acertada, como, aliás, todas as transferências que esta época o referido clube conseguiu.

Há em Braga um certo mal-estar em virtude das obras do Estádio Municipal não terem o ritmo rápido que todos desejaríamos, esquecendo-se os impacientes que uma obra daquela natureza, feita com sacrifícios e com a máxima economia, tem de admitir por força certos vageares.



Quase toda a dianteira leonina, e ainda reforçada pelos médios, está ao ataque no lance que apresentamos. Da terrível situação consegue a Cuf desembaraçar-se

C.U.F. - SPORTING

domínio de um, domínio de outro!



Eduardo Santos ainda conseguiu captar a bola! Veja-se a oportunidade da Jesus Correia



O salto de um guarda-redes, ágil, mesmo quando carregado!



Qualquer defesa tem em Jesus Correia um inimigo implacável, que nunca esmorece. Há sempre a esperança do guarda-redes deixar fugir a bola...



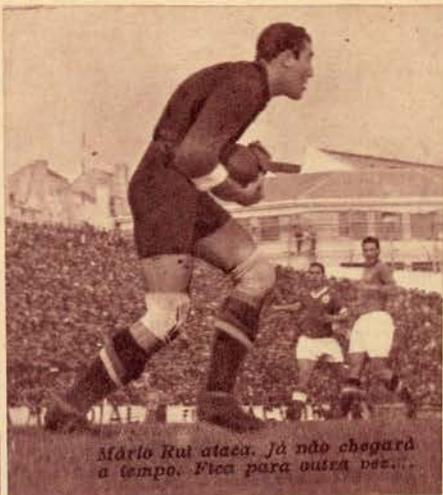
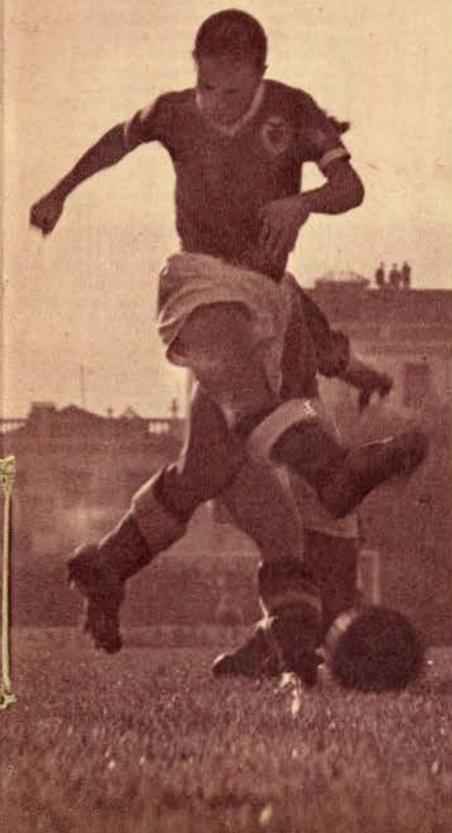
Capela defende! Feliciano, Gomes e Serafim vivem o lance, enquanto os do Benfica espertam uma oportunidade, talvez uma deixa...

BELINENSES-BENFICA

Um jogo de Campeonato e de emoção

Uma fase movimentada junto das balizas do Belenenses. Anote-se, como curiosidade, a presença de Eloi!

Mário Rui, se não estamos em erro, em acção



Mário Rui ataca. Já não chegará a tempo. Fica para outra vez...



O guardaredes belenense foi submetido a defesas difíceis, e por vezes arriscadas

XADREZ

O veredicto do nosso Concurso Internacional de Problemas

SOMOS chegados à última fase do grande empreendimento levado a cabo nestas colunas — o nosso I Concurso Temático Internacional de Composição de Problemas de Xadrez.

Ao iniciarmos a publicação do resultado, desejamos exprimir o nosso agradecimento a quantos colaboraram connosco — a todos os compositores concorrentes — muitos, compatriotas nossos, outros, mais ainda, representantes de países amigos, como a Espanha, Holanda, França, Bélgica, Inglaterra e Brasil — e, em particular, aquele que mais directamente cooperou nesta iniciativa — o juiz do torneio, D. Francisco Novejarque Irauzo, a quem devemos o trabalho final, que, a partir deste número, oferecemos aos nossos prezados leitores.

Está de parabéns o Problema Nacional, pelo número e categoria das produções distinguidas nesta competição internacional. Mas é para os problemistas da Holanda e da Espanha que vão os grandes louros da prova! E não esqueçamos a menção honorífica conferida ao dr. Monteiro da Silveira, o representante do grande país irmão — o Brasil.

A todos as nossas efusivas felicitações.

1.º prémio — A. F. Arguelles (Espanha) — 1.Cf8-d7.

2.º prémio — F. W. Nanning (Holanda) — 1D2Tcb1-cR2p2t-3Pr1t1-4P1B1-2C1P2p-1B6-8-8. 1.dxe7.

3.º prémio — E. Visserman (Holanda) — 1R1c1B2-T1Pp1p2-1C2-2-T1P1b3-3p2bd-3Bp2-8-8. 1.Tb-a5.

4.º e 5.º prémios — ex-æquo — R. Llorens Mach (Espanha) — tb3D2-pR2P2t-1Tc1Pp1-4e2d-bP3C2-1bT2p2-8-8. 1.Tc5.

Idem — J. J. Rietveld (Holanda) — bB3Db1-t1d1P2R-CTp3p-4c2t-8-2T5-8-8. 1.Tc5.

6.º prémio — Jorge Breu (Espanha) — 1c3B2-1p1P1T1-cPp4-P4P2-1pP3TD-1P3C2-8-8. 1.De1.

1.ª Menção Honrosa e Prémio Especial Português — Rui Nascimento, Lisboa — c3D3-pd1PRB2-p1r5-TC6-3B4-8-8-8. 1.Cd6.

2.ª Menção Honrosa — J. Castro e Melo, Amadora — 2R1c3-p2P1D2-3r1p1T-C1pC2T-2pc3t-5p1b-1B6-8-8. 1.Ce3.

3.ª Menção Honrosa — P. ten. Cate (Holanda) — 1c2C2-12P3R-pP7-5-P1ppBD1T-3p4-Tf6-8-8. 1.Bb8.

4.ª Menção Honrosa — A. Cunha Serra & J. Castro e Melo (Lisboa) — 3cR2-4P2-3r1C2-BBT4T-2Pc4-8-8-3td3. 1.Th6!

5.ª Menção Honrosa — J. G. Mariz Graça, Coimbra — 3R1bCT-3DPp1-2C3r1-6dc-8-5c2-6T1-8. 1.Db3.

6.ª Menção Honrosa — Rui Nascimento, Lisboa — 2R1c1B1-p2P2T1-3r1p2-1P1pb2-6B1-5D2-8. 1.Dd4.

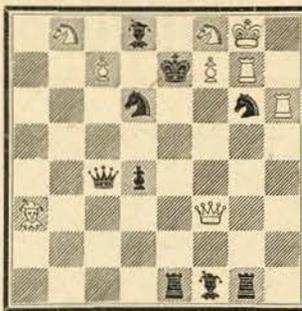
7.ª Menção Honrosa — Dr. Monteiro da Silveira (Brasil) — 1B2c-1C1-Td1P3R-3CrPp-e-bD2p3-2P2T2-8-8-8. 1.Ce4.

A. F. ARGUELLES

(Barcelona)

1.º prémio

I Conc. Tem. Internacional — «Stadium»



2X

8.ª Menção Honrosa — F. W. Nanning (Holanda) — C1T1bB2-2tP2R1-B1-2C2-b1ccP2-1Pp5-4D3-8-3T4. 1.Cg4!

Recomendados:
Oscar Pires de Carvalho, Lisboa. (2) — 1b1cB3-2Pp2p1-Td2r1P1-1C3C2-2PB1P1-3c4-4TP1R-8. 1.Bxg7. e T4c2-1R2P1D-1P2r1d1-2PCCp2-5T2-1BB5-5c2-8. 1.Cc6.

(Continua na pág. 15)

O CANTINHO

do nosso leitor

De um nosso leitor, que, segundo afirma, lê e coleciona a Stadium desde o primeiro número, recebemos a seguinte carta.

Sr. Director da «Stadium» — Eu sou leitor e admirador e colecionador da sua Revista, que muito me agrada, desde o primeiro número.

Pai de dois filhos e uma filha, sigo com desvelado zelo a educação dos meus pequenos. Um deles, desde verdes anos, é sócio de um clube que, ganhando fama por causa do futebol, se dedica a outros desportos.

Pois bem, sr. Director! Como o meu filho precisasse de fazer ginástica, dirigi-me a esse clube, e soube que não mantinham aulas de ginástica para os seus associados. Vou, portanto, fazer inscrever-lhe no meu clube de educação física, e como não posso pagar duas quotas terci de desistir da sua filia-

ção desportiva, com grande desgosto seu.

Mis resolvi dirigir-me a V. Ex.ª, e desabafar! Acha justo que um clube desportivo, com grandes massas associativas, não mantenha com regularidade cursos de ginástica? Não seria isso uma regalia a ter em conta para os associados? É justo que pioneiros de educação física (o desporto é apenas uma parte de um grande conjunto!) assim procedam? De V., com muita consideração, Um assinante da «Stadium».

Não sabemos qual o clube alvejado nesta carta do nosso prezado assinante — que desconfiamos quem seja... Em parte, não vemos razão para tal aflição. Os clubes desportivos, pelo menos os mais importantes, mantêm classes de ginástica com regularidade, as quais se têm até já apresentado em público com muito agrado. De resto, os clubes de desporto estão já captados pela ginástica, e mais desejariam fazer se lhes dessem oportunidade e condições favoráveis. Tudo quanto fazem — deve-se ao seu próprio esforço, e está nisso o seu maior elogio. E não vemos que o seu filho lucre em deixar de ser associado do seu clube. A tendência clubista fica para toda a vida — nos homens bem formados.

Do sr. Manuel João Nunes Galhardas, de Borba, recebemos a seguinte carta, dirigida ao nosso prezado colaborador Manuel Mota:

Apesar de o não conhecer pessoalmente, não posso deixar de lhe manifestar o meu contentamento pela maneira como decorreu a sua entrevista com os nossos guarda-redes da capital.

Sou quem por cento sportingista e, como deve calcular, um grande admirador do meu grande Azevedo, que já conheço através dum desafio em Elvas, quando do campeonato de Portugal do ano passado.

Meu pai, desde que eu comecei a pisar os campos de foot-ball (como assistente, é claro), pois tenho apenas 11 anos de idade, sempre me disse que o meu Azevedo era o melhor de todos que tinha conhecido.

Só ambicionava vir um dia a ser um atleta de tal envergadura para defender as cores verde-branco do meu Sporting.

Quando encontrar esse grande ídolo do nosso foot-ball dê-lhe um abraço de um miúdo de 11 anos que se chama Manuel João Nunes Galhardas, e que é um seu grande admirador.

Desculpe esta massada, mas não posso deixar de manifestar esta minha simpatia por semelhante atleta.

Esta carta demonstra o agrado pelas nossas reportagens, e por isso a publicamos. Representa igualmente um estímulo para o nosso trabalho.

Opiniões e albitres

Uma piscina Municipal

A O receber uma mensagem do município de Tenerife, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que continua a interessar-se vivamente pelo movimento desportivo do país, tornou pública a notícia de que, brevemente, e mais cedo do que se julga, Lisboa terá uma piscina popular.

Acrescentando: A piscina será construída nos terrenos do Jockey Clube, com cinquenta metros de comprimento, estando já os trabalhos preparatórios de elaboração de projecto e maqueta confiados ao arquitecto Rebelo de Andrade e ao eng. Veiga da Cunha.

A notícia deve acolher-se com o maior agrado. A cidade precisa, na verdade, pelo menos, de uma piscina. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa prestará, deste modo, um serviço inestimável ao país e à natação portuguesa.

O treinador do Vitória e a formação de jogadores

ORLANDO SURADAS DUARTE, que desempenha o cargo de treinador do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, fez ao jornal «O Setubalense» várias declarações.

A matéria versada é sempre interessante, embora se possa discordar de vários passos. Suradas Duarte diz que uma das principais razões por que não se fazem jogadores dentro do seu clube, na evolução natural com vista à representação clubista, é a falta de actividade e de encontros, dando logo este exemplo frisante:

«A 2.ª categoria do Vitória, que

começou a sua preparação ao mesmo tempo que o grupo de Honra, fez até agora dois jogos. Ou seja: em quase três meses realizou dois encontros e até final realizará quatro. O quarto disputar-se-á em Novembro e depois não tem mais jogos».

Tem inteira razão o treinador do Vitória. Também julgamos absolutamente indispensável a reorganização do futebol distrital no sentido de manter em actividade, durante toda a época, os jogadores das categorias inferiores.

Desafios de futebol inter-regionais

OS desafios inter-regionais, ou entre Associações Distritais, eram antigamente um dos melhores pratos do nosso futebol. Sobrecarregadas as épocas, esses encontros foram um pouco condenados.

Nota-se agora a tendência para o seu renascer. Depois do exemplo da Associação de Futebol de Lisboa, sabemos que a Associação de Futebol de Beja pensa levar a efeito vários jogos desta natureza.

E a referida associação acautela a ideia, pensando a sério na formação da sua equipa representativa. Assim, vai organizar, nos domingos imediatos à conclusão do Campeonato de Beja, dois jogos entre as seleções da margem direita (clubes de Beja) e da margem esquerda (clubes de Moura e Pias). Eis um critério que nos parece sensato, visto a representação de uma Associação ser qualquer coisa de muito sério. Beja não quer deixar o seu crédito por mãos alheias.

Análise da temporada de 1946

VII — Os lançadores

O atletismo português fraqueja sempre no sector dos lançamentos; a especialidade demanda treino aturado e minucioso estado de técnica, condições ambas pouco compatíveis com as características da nossa massa atlética praticante, em regra falha de persistência e de escassos conhecimentos.

Nos últimos anos temos progredido sensivelmente, mas estamos ainda muito longe de haver realizado a recuperação necessária para atingir o nível que ocupamos nos saltos e, sobretudo, nas corridas. A média de pontuação obtida em 1946 com os resultados dos cinco melhores homens nos quatro lançamentos (605 pontos finlandeses) é a melhor de todas as temporadas precedentes (em 1945, 590 pontos), e, no entanto, a derrocada ante os adversários no encontro Espanha-Portugal pesou decisivamente para o desequilíbrio do resultado.

Apareceram nos concursos da época alguns novos lançadores bem dotados; a quase totalidade deste esperançoso reforço veio nos dos torneios universitários, a provar — se por acaso tal fosse preciso — a enorme vantagem do desenvolvimento do atletismo académico.

Para julgar o valor das revelações do ano, no lançamento do peso, vamos indicar também a lista dos melhores resultados com a esfera de cinco quilos:

Peso de 5 quilos: G. Castelo Lopes (Sporting), 14,645 metros (10-VI) (principlante).

Nano Barros (Benfica), 14,305 metros (26-V) (principlante).

Manoel da Silva (Sporting), 14,30 metros (12-V) (senior).

António Tender (F. C. do Por-

to), 13,62 metros (22-VI) (principlante).

José Lais Silva (Sporting), 13,58 metros (12-V) (senior).

Nano Pais (Sporting), 13,305 metros (26-V) (principlante).

Peso regulamentar: L. Pinto Basto (Internacional), 13,175 metros (14-VII); 12,975 metros (27-VII); 12,78 metros (7-VII); 12,61 metros (9-VI); 12,48 metros (11-VIII).

Emídio Raivo (Sporting), 12,515 metros (1-IX); 12,17 metros (11-VIII); 12,135 metros (27-VII); 12,045 metros (14-VII); 11,91 metros (10-VI); 11,85 metros (9-VI); 11,645 metros (7-VII).

Manoel da Silva (Sporting), 11,895 metros (7-VII); 11,595 metros (14-VII); 11,36 metros (9-VI).

Mário Santos (Internacional), 11,73 metros (1-IX); 11,59 metros (7-VII e 14-VII).

G. Castelo Lopes (Sporting), 11,355 metros (30-III).

Nano Barros (Benfica), 11,33 (7-VI).

Se apreciarmos em comum estes dois quadros, somos levados a afirmar, um tanto paradoxalmente, que o melhor lançador da época foi Gérard Castelo Lopes, o principlante número um, que, com a esfera maior, conquistou o quinto lugar entre os já consagrados. Para ele, para Nano Barros e Nano Pais, vanguarda da nossa geração, devem voltar-se as atenções dos técnicos, pois dos que agora ocupam as primeiras posições pouco mais há a esperar.

Pinto Basto, que alcançou a sua melhor marca, deverá ainda ultrapassá-la (possivelmente até ao recorde), mas não é o homem de quem precisamos; Emídio Raivo, já na escala descendente, só pela escassez de especialistas se mantém na posição secundária, e Manoel da Silva não tem condições para lançar do peso, pois lhe faltam velocidade e poder.

De Mário Santos, que reapareceu após longa ausência, podemos esperar acentuada melhoria, mas, ainda que avance dois metros, ficará longe da realidade necessária.

Por tudo isto afirmamos que é indispensável preparar e estimular os novos que demonstraram habilidade; convenientemente trabalhados, se houver neles ainda empenho próprio, Castelo Lopes e Nano Barros ombrearão em 1947 com os melhores da especialidade.

Lançamento do disco: José Lais Silva (Sporting), 39,15 metros (12-V); 38,43 metros (13-VII); 38,28 metros (7-VII); 37,20 metros (28-VII).

António Tender (F. C. do Porto), 38,01 metros (12-V); 35,90 metros (23-VI); 35,80 metros (7-VII); 34,80 metros (13-IV); 33,39 metros (13-VII).

Manoel da Silva (Sporting), 37,95 metros (12-V); 37,86 metros

(13-VII); 37,52 metr. s (28-VII); 36,92 metros (7-VII).

Nélson Gomes (Académico), 35,34 metros (7-VII).

Emídio Raivo (Sporting), 34,34 (13-VI); 33,65 (7-VII).

L. Amaral Cardoso (Sporting), 34,175 metros (13-VII); 33,15 metros (7-VII).

A revelação da temporada foi o portense António Tender, que no festival de 24 de Junho atirou o disco a 38,61 metros, distância que não pôde ser homologada porque um delegado da Federação, que se encontrava presente no terreno, ordenou a pesagem do atensilho, reconhecendo-se-lhe falta de gramas.

Isto, e a disparidade entre os 38,01 metros conseguidos também em torneio oficial no Porto e as restantes suas marcas em Lisboa, levou-nos a suspeitar — até confirmação em contrário — que o disco empregado daquela vez fosse o mesmo com insuficiência de peso.

De qualquer maneira, trata-se de um lançador com futuro; o estilo actual é deficientíssimo e nem sequer a chicotada do braço impressiona. Esperemos um ano para julgar.

José Lais Silva é actualmente o especialista que merece maior confiança; sem a fractura que sofreu num dedo da mão direita, teria ido além dos quarenta metros e aproximado o recorde. Tem muito boa classe; esperemos que saiba e queira aproveitá-la.

Manoel da Silva desiludida; é incapaz de corrigir os seus vícios deleitosos e por isso não passará da mediocridade actual. Uma vez, por acaso, quando «engates», mostrará o que vale; mas só de longe em longe.

Nélson Gomes e Amaral Cardoso estão sobindo, mas não creio que ascendam muito; em contrapartida, Raivo desce vertiginosamente.

Lançamento do dardo: Edgard Tamegão (Académico), 56 metros (13-VII); 49,14 metros (28-VII); 46,26 metros (6-VII); 44,50 metros (11-IV); 41,42 metros (30-III).

António Rodrigues (Belenses), 46,85 metros (13-VII); 46,60 metros (30-VI); 46 metros (28-VII).

António Cadete (Académico), 44,15 metros (13-VII).

A. Albuquerque (F. C. do Porto), 44,07 metros (6-VII); 42,05 metros (13-VII).

Alberto Silva (F. C. do Porto), 44,04 metros (6-VII).

J. M. Cardoso (Sporting), 43,92 metros (9-VI).

A lista mostra-nos um resultado de Tamegão e o restante de desconsoladora mediocridade.

O novo recordista português alcançou nos campeonatos nacionais resultados que seremos forçados a considerar extraordinários para a média de que deu prova durante o resto da temporada. E isto leva-nos a lamentar que o dardo pessoal, por ele utilizado então, não tenha sido devidamente pesado e medido pelos federativos responsáveis.

António Rodrigues e António Cadete são veteranos que ainda se destacam unicamente pela pobreza dos competidores.

Estamos, ao melhor, continuamos a estar muito mal nesta especialidade.

O sportinguista Cardoso, principlante de 1946, é o candidato que somos mais avaliado para ascender muito breve aos postos da vanguarda. É questão de aprendizagem técnica.

O mesmo diremos de Albuquerque, merecedor de menos confiança somente por ser já mais experimentado.

Lançamento do martelo: Manoel Silva (Sporting), 47,15 metros (13-VII); 40,93 metros (11-VIII); 40,77 metros (27-VII); 40,63 metros (30-VI).

Heralcano Mendes (Académico), 44,98 metros (30-VI); 40,45 metros (14-VII); 36,27 metros (27-VII).

Bastorff Ferro (Benfica), 35,30 metros (30-VI); 34,88 metros (11-VIII).

José Lais Silva (Sporting), 33,46 metros (14-VII); 28,88 metros (30-VI).

Emídio Raivo (Sporting) 29,95 metros (14-VII); 28,76 metros (30-VI).

Pode dizer-se que são estes os únicos lançadores de martelo que há em Portugal.

Manoel da Silva, agora o único desde que Heralcano entrou em decadência, piora em relação ao ano anterior; técnica deficientíssima, sobretudo irregular. Classe, ninguém lhe nega; falta talvez jeito.

Heralcano está no fim da sua carreira; o seu melhor resultado, feito no Porto e não confirmado depois, não merece confiança; foi obtido com um martelo pessoal que, medido em Lisboa, nos Nacionais, acusou dez centímetros a mais no comprimento do arame.

Bastorff e José Lais devem ser os dois homens a preparar para a equipa nacional do ano próximo. Qualquer deles pode e deve progredir consideravelmente.

Salazar Carreira

Notícias

de todos os desportos

◊ A Associação de Futebol de Évora, em sua primeira reunião, resolveu sanar *Stadium*. Pode contar com o nosso auxílio a favor do futebol local.

Estão na presidência da assembleia geral, Conselho Fiscal e Conselho Técnico, respectivamente, os srs. Jorge Nunes de Moura Júnior, dr. Júlio Tavares Meirales e capitão José António de Almeida. A Direcção é formada pelas seguintes individualidades: João dos Santos Brochado, Alberto da Câmara Manuel, João Charais Barata, José Peixoto e Alberto Guerreiro Costa.

◊ A Associação de Andebol de Lisboa teve a amabilidade de nos enviar dois cartões de livre trânsito. Registamos a gentileza.

◊ O Grupo Desportivo da Companhia de Seguros «Comércio e Indústria» organiza um torneio de basquetebol para disputa da Taça «Luís Gonçalves Santiago».

A inscrição é aberta a todas as Companhias, Agências, Delegações de Seguros, nacionais e estrangeiras, as quais só poderão inscrever, como jogadores, os empregados dos seus respectivos quadros, bem como os funcionários das Companhias de Seguros adjacentes às Companhias, com a mesma sede destas. Trata-se de uma iniciativa que se transformará num êxito.

◊ A direcção da Associação de Patinagem do Sul ficou constituída pelos seguintes elementos: José de Castilho, Filipe Moreira, Eduardo de Sousa, Heitor Cordeiro, Manoel Fontinha, Manoel Joaquim e José Alves Ferreira. São todos elementos dedicados na modalidade.

Stadium

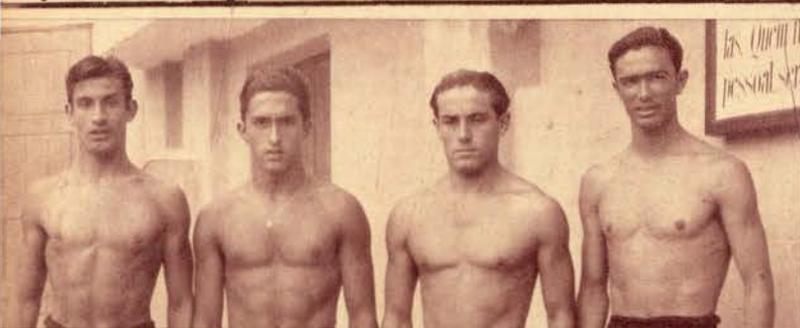
Condições de assinatura

| | |
|------------------------|---------|
| Custo por número . . . | 2\$00 |
| 3 meses, Esc. | 26\$00 |
| 6 » » | 52\$00 |
| 12 » » | 104\$00 |



Um lance intrincado e confuso junto às redes do Futebol Benfica, que Anibal resolveu com êxito!

O JOGO MAIOR da SEGUNDA DIVISÃO



Campeões do Estoril Praia

Artur Mendes da Silva, Mário Simas, Jeremias Simão e Belmiro Santos



Um jogador do Estoril Praia tenta dominar a bola, em condições difíceis!



Uma fase do Futebol Benfica - Estoril Praia. A defesa benfiquense vai intervir, mas não chegará a tempo



1



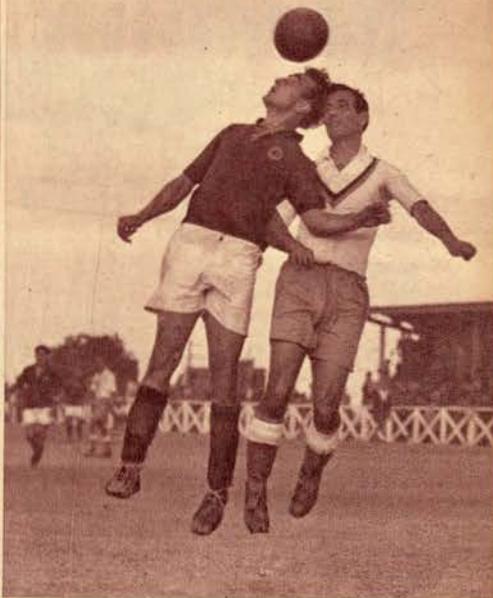
1 - Começou o rugby. Logo no primeiro dia, o Benfica venceu o Sporting por 11-0; 2 - Numa melée, uma fase curiosa do Benfica - Sporting, de rugby; 3 - Os velhos hoquistas reunidos numa encantadora festa de saudade e recordações



3

Correia, o guarda-redes do Atlético, lança-se bem a uma bola alta. Augusto ataca, mas de balde, as mãos do keeper chegam mais alto!

Dois adversários em luta forçada. O esforço atlético é empolgante!



ORIENTAL ATLÉTICO

*Uma partida disputada
com ENTUSIASMO*



Dois jogadores que cumprem o seu dever. Um avançado do Oriental que sabe atacar e o guarda-redes do Atlético que sabe defender!

Esta jogada tem movimento, mas vale principalmente pelo esforço vigoroso do defesa Baptista!



Stadium

Na Capital do Norte

MOSAICOS

nortenhos...

POR ter graça, informemos os leitores que Fernando Jorge Moreira, o ciclista campeão de Portugal, também é um adepto de bola. Joga, mesmo, futebol. E sabendo que o seu clube tem crise de avançados, tem ido treinar ao Campo de Constituição!

O mais engraçado disto tudo é que Fernando Moreira revela de facto habilidade... Mas não fará mal em se dedicar à bola? Visto que não quer estar quieto, porque não pratica Fernando Moreira andebol ou basquetebol e ainda ginstica?

♦ FORAM demitidos dos seus cargos os presidentes do Boavista F. C. e do Sport Comércio e Salgueiros.

♦ O BOAVISTA e o Académico chamaram no domingo transacto, ao Estádio do Lima, considerável assistência. Antigamente, o melhor jogo não ofuscava o pior, quando nele intervinha o F. C. do Porto. Agora já não se deu isso. No campo do Salgueiros, onde estavam os azuis-brancos, — o público não era muito...

♦ FALA-SE no regresso breve de um jogador que o Porto muito estima. Era bom se tal sucedesse, mas cá por nós — só vendo...

♦ FALA-SE no Estádio do F. C. do Porto, mas com a ideia de supor que a obra não irá para a frente, julgando-se a perda. Mas não é assim. As expropriações não podem fazer-se assim de pé para a mão, como é de presumir, e daí a demora.

Compreendemos muito bem, evidentemente, o desgosto dos desportistas. No entanto, nada se pode fazer sem os indispensáveis trabalhos burocráticos... — e é ter paciência!

♦ DURANTE o jogo Boavista-Académico, houve pelo menos um jogador que «pisou o risco» constantemente. Não o indicamos — visto não valer a pena e não ser missão nossa fazê-lo.

Todavia lamentamos mais uma vez que certos elementos não queiram entrar no melhor caminho. Mau é isso...

♦ O PORTO teve de ceder mais uma vez os direitos do seu campo, com manifesto prejuízo. Claro que aquele velhissimo campo da Constituição lembra-nos um par de sapatos alguns números abaixo do pé proprietário...

♦ PERGUNTA-NOS um amigo se o tento do F. C. do Porto, contra o Académico, como opinou um distinto crítico, foi ilegalmente cobido.

— «Não, senhor, não foi. Desde que o guarda-redes alvi-negro delitou aos mãos à bola, tocando-lhe, o ponto foi legal. É do A. B. C. do futebol».

O ciclismo portuense

A Associação de Ciclismo está a compreender admiravelmente a sua missão. Procurando trabalhar em profundidade, o simpático organismo da capital do Norte deu-se à tarefa de promover campeonatos destinados a populares, e a verdade é que a eles concorreram rapazes de muita habilidade, possivelmente futuras promessas do ciclismo nacional.

Salvo melhor opinião, julgamos que o exemplo é de apontar. Recomendamo-lo principalmente aos clubes que ambicionam constituir as suas equipas à custa alheia... Bem sabemos todos que leva muito mais tempo, mas nem por isso é menos nobre a sua missão.

No Porto, com orgulho o dizemos, possui a maioria dos clubes gente preparada «em casa». O F. C. do Porto, de modo interessante, tem sido o baluarte deste pensamento, visto que todos os rapazes que alinha, salvo qualquer caso isolado, foram preparados pelos seus técnicos.

Alguns populares, agora revelados, segundo nos dizem, vão filiar-se neste popular clube do Norte. Se deles tomar conta mestre Aniceto Bruno, dirigidos e treinados desde já, pode garantir-se que novo lote bom de praticantes irá aparecer brevemente.

Por isso mesmo, é digna de louvores a Associação de Ciclismo do Norte, e também os adeptos que se interessaram pela boa marcha das provas populares — e que bastantes foram. Aplaudimos sinceramente. Assim se trabalha e se produz alguma coisa — quanto mais não seja para apreciar até que ponto vai o «atrevimento» alheio... E agora — atenção à época de «cross»!

REVISTA DA SEMANA

FUTEBOL — O Boavista, que nos jogos precedentes a este do Lima, contra o F. C. do Porto, adoeceu o melhor possível a boca dos seus adeptos, já desenvolvendo um futebol bem aceitável, já vencendo onde o Porto empatava, — não pôde agora dominar o maior obstáculo para chegar ao título.

Foi nitidamente derrotado por 6-1. Julgava-se ao alcance do Boavista o campeonato regional, e até nós deixámos escrito que isso parecia provável. Mas tal como tem acontecido por mais de uma vez, quando o passado está perto... responde o F. C. do Porto com a «sua exibição» decisiva. E fica tudo como dantes.

Este domingo último, os dois grupos entraram no Lima com o mesmo número de pontos. O Boavista, além de ganhar o título, garantia definitivamente a entrada no campeonato nacional. O F. C. do Porto «só» poderia perder o torneio. A superioridade do F. C. do Porto, afinal, tornou-se manifesta, em todos os pormenores, e viu-se até que os seus representantes se dedicaram ao jogo como não tem sido costume. Despertaram...

E por mais literatura que se faça sobre a presunção de beleza de um estilo que não dá «goals», temos nós de fixar a crítica nesta «realidade»: — O F. C. do Porto foi um vencedor correcto e indiscutível. Modificou novamente a sua equipa, reentrando Freitas e Carvalho, este após umas épocas no grupo de honra do União de Coimbra, cidade onde esteve a cumprir serviço militar. A linha média melhorou e a defesa não perdeu unidade.

O Boavista... perdeu o jogo. Até o seu «goal» foi possível devido a uma «fantasia» de Barrigana. O resto não conta. Antes do Porto-Boavista jogaram as equipas do Académico e do Leça. Os académicos, com época que não se esperava, por via da sua «viagem» pela Segunda Divisão, ganharam por 5-1. Os leceiros estão irremediavelmente colocados na cota do campeonato.

Surpresa de grande categoria surgiu com a derrota do Leixões perante o Salgueiros, de cujo ânimo não pode duvidar-se. Os encarnados portuenses, ganhando por 3-2, mesmo em Matosinhos, travaram todas as aspirações da equipa encarnado-branca.

A classificação actual: F. C. do Porto, 19 pontos; Boavista F. C., 17 pontos; Académico F. C., 16 pontos; Leixões S. C., 13 pontos; S. C. Salgueiros, 12 pontos; Leça F. C., 7 pontos.

O Porto está por certo de pedra e cal. Desenha-se a luta Boavista-Académico e Leixões-Salgueiros. O Leça já não pode sair-se do último lugar da sua Divisão.

AUTOMOBILISMO — Revive o automobilismo? Começam já as primeiras tentativas. No Porto efectou-se agora a 4.ª prova de pericia e condução, nos jardins do Palácio de Cristal, por iniciativa do jornal «O Volante», tendo-se classificado os Srs. António Leitão de Oliveira, de Lisboa, em carros pequenos e Francisco Corte Real Pereira, de Aveiro, em carros grandes. Inscreveram-se 21 concorrentes e o jári foi presidido por Campos Júnior, director de «O Volante».

Ao menos um...

A época internacional anuncia-se movimentada. Jogarão em Portugal os grupos representativos da Espanha, Inglaterra, Suíça e Suécia, saindo o nosso país para a Irlanda e França.

Não é necessário recordar que a cidade do Porto, cujo amor ao futebol é bem conhecido, poucos desafios Internacionais tem visto. No entanto, quando isso acontece, o bom público desta terra nunca deixava de corresponder, dando aplausos e apoio decidido aos representantes do nosso país, colaborando sempre com os dirigentes e enchendo o campo de pontos e pontos.

Mas o Porto foi esquecido...

Sab-se que o campo das Selésias, por exemplo, não levava muito mais gente que o do Lima, e já ao Porto não eram oferecidos jogos «Internacionais». A questão não era de terreno... Surgiu, em boa hora, o Estádio Nacional, e então é que o Porto ficou em inferioridade manifesta. Quanto a isto — assunto arrumado!

Portanto, longe de se afirmar aqui que os portuenses têm direito a jogos Internacionais (e isso não acontece enquanto forem impróprias as suas instalações, digamo-lo com desgosto), pediremos a quem melhor possa resolver o assunto que se faça o possível para que tal aconteça. Como? — perguntar-se-á.

Seria caso a estudar imediatamente. Após um arranjo cuidadoso, o campo do Lima serviria com certeza ou, pelo menos, poderia considerar-se sofrível para a realização de um grande jogo. Os portuenses já viram nos seus terrenos (Ameal e Lima) as equipas da França, Itália, Checoslováquia e Hungria (amadores), Espanha e Áustria, além de outros grandes conjuntos da Europa e da América, e nessa altura o futebol portuense desenvolveu-se e ganhou um prestígio que hoje não tem.

Para esta época, os portuenses não têm coragem de pedir o Portugal-Espanha (o desejado) ou o Portugal-Inglaterra. Mas se os altos dirigentes quisessem prestar justiça ao seu esforço e dedicação, poderiam ver-se nesta cidade as equipas de Suíça ou da Suécia.

Se o assunto fosse maduramente estudado, e com tempo, o Lima prepararia-se para o encontro. Embora os resultados financeiros não correspondessem como responderiam no Estádio Nacional, era fora de dúvida que o aspecto desportivo e de propaganda do futebol ganhariam alguma coisa com a deferência federaliva.

Há no Porto milhares de novos, e até de velhos, que ainda não tiveram a honra de assistir a um jogo internacional. Nem todos podem deslocar-se para Lisboa... Assim, julgamos que seria prestar justiça ao seu interesse e contribuir para estimular ainda mais quantos seguem cuidadosamente a marcha do futebol. O assunto já foi ventilado. Mas poderia ter esquecido. Lembramo-lo à Associação de Futebol e às forças vivas da cidade e ficamos aguardando os acontecimentos.

Comentários

Números impressionantes

O professor Fernando Ferreira contou há dias, numa interessante palestra na sede do Sporting Clube de Portugal, algumas impressões colhidas na sua viagem à Suécia. Disse, entre muitas outras coisas dignas de reflexão, que em seis milhões de suecos existem 250.000 praticantes do atletismo; que os clubes não possuem instalações desportivas próprias e os atletas não treinam gratuitamente (depois das seis da tarde pagam o equivalente a um escudo) aos campos municipais, distribuídos em cada cidade.

Acerescentou, ainda, que as federações de ginástica e desportos recebem anualmente, dos poderes públicos, subsídios no valor de 15.800 contos, os quais, no entanto, não trazem ao Estado um centavo de encargo; são integralmente cobertos pelos benefícios colhidos na aposta málua sobre os resultados dos jogos de futebol, cuja organização e administração pertence ao próprio Estado.

Referimo-nos, semanas atrás, à instalação em Espanha deste sistema de aposta málua futebolística, opondo-o como digno de estudo, pois poderia fornecer ao paupérrimo desporto português a fonte generosa de recursos que cada vez se mostra mais urgente e necessária para obtenção das suas mínimas condições materiais de vida.

Os suecos, ao contrário dos espanhóis, seguiram o bom e lógico caminho, consagrando por completo ao desporto a verba arrecadada dos desportistas e por intermédio de um empreendimento de objetivos desportivos. Assim se compreende que o atletismo sueco, por exemplo, apesar de não possuir requintados primeiros técnicos, como verificou o professor Ferreira, ocupe no entanto o primeiro lugar na Europa e o segundo no Mundo; porque a classe e a preparação dos atletas, as suas virtudes inatas e o seu aperfeiçoamento físico se desenvolvem em melhores condições e encontram o apoio e o ambiente favorável ao melhor aproveitamento.

Olhemos com atenção estes exemplos que nos vêm de tão longe; aproveitar a lição do que a experiência já consagrou é bem mais fácil do que improvisar com êxito.

Critério discutível

A propósito da derrota sofrida em Tenerife pela nossa equipa de nataçao, o prezado camarada Lancha Moreira emitiu o parecer de que devíamos cerrar as portas sobre qualquer ensaio de competição internacional enquanto houvesse, assim, a quase garantia de impossibilidade de vencer.

Semelhante critério, mais do

que discutível, parece-nos contrário a toda a ética desportiva (triumfar não é condição indispensável para fazer desporto) e, pior ainda, interpretar uma doutrina contrária aos próprios interesses de progresso da nataçao portuguesa, para o caso tomada como exemplo, que se pode tornar extensivo a qualquer outra modalidade.

Acrecece ainda que se pode aduzir, da opinião referida, ter sido desprimoroso ou ridículo o comportamento dos nossos nadadores nas Canárias, quando nada de semelhante aconteceu; regressámos trazendo na bagagem três recordes ibéricos e mais quatro recordes nacionais, obrigando os espanhóis, para nos levarem a palma, a superar também algumas das suas marcas nacionais. Os comentários pronunciados na Emissora pelo inspetor Ayala Bolto, que acompanhou oficialmente a representação, foram bastante elucidativos a este propósito.

Em quaisquer circunstâncias, atingido certo nível desportivo, a competição internacional é um precioso elemento de estímulo, ensinamento e progresso, ao qual convém recorrer, dentro de certos limites, se quisermos ir além do valor forçadamente limitado a que conduziram as competições com «a prata da casa».

Se fôssemos a generalizar a doutrina do «ó ir na certeza de ganhar», ficaria praticamente reduzida a zero a nossa actividade internacional e, encerrados em soberano isolamento, continuaríamos a bastar-nos a nós próprios com a ambição reduzida a projectos de uso interno.

Do contacto com os melhores — e não é vergonhoso medir forças com adversários mais fortes, desde que se lhes possa dar réplica com brio e dignidade — sempre se colhem ensinamentos e quanto mais frequentes forem as experiências a que submetermos os nossos melhores valores, tanto mais seguro será também o estímulo ao trabalho dos praticantes e dirigentes.

Se estabelecermos que «o que fazemos, chega», então para quê empregar maiores esforços, maiores sacrifícios?

XADREZ

(Continuação da pág. 10)

Dr. Carlos Eleuterio de Almeida, Lisboa, (2) — 4c2B-R2P2tl-1p1PB1P-3c4-1p2TPpC-1b4t1-1b1D1C2-8. 1.Bg8, e R1cB4-c1P1c3 1p1r3t-CB3B2-2P13p-7D-d7-7b. 1.De3.

J. Ebben (Holanda) — 2cDb2c-3p1PR-5rpC-5P2-4T3-p2p4-B2B4-8. 1.Te1.

P. Eerkes (Holanda) — B2D1c2-d3P1R1-3pR2-2cp3T-b2t1p2-8. 8. 1.Ce2.

Dr. A. M. Koldijk (Holanda) —

FALAM OS TREINADORES!

Severiano Correia

e as suas impressões

(Continuação da página 1)

Conduzimos depois a conversa para outro objecto. Severiano Correia linha boas possibilidades de satisfazer a nossa curiosidade:

— A tarefa do treinador não evoluiu nos tempos antigos para cá?

— Entristece-me saber que as massas associativas dos clubes não se convencem que não há equipas invencíveis, sempre que apareçam o treinador. Evidentemente, o treinador teve de evoluir — e que o digam os resultados do *team* nacional. Pena é que os jogadores não correspondam, pelo menos com a boa vontade, a esse trabalho profundo que os treinadores procuram realizar dentro dos clubes, porquanto os jogadores, na maioria das vezes, dificultam a missão de quem os quer corrigir e dar-lhes maior aperfeiçoamento técnico para que possam exibir-se com mais eficiência. Enfim, tudo produto de uma situação pouco clara que existe entre o jogador e o clube, porque alguns julgam-se já com direitos mas não querem ter deveres quando chamados a cumprir. Creio que, se assim não fosse, o nosso país teria atingido ainda maior nível técnico. Temos condições para isso. Não deve haver já quem duvide, tão eloquentes são os resultados obtidos neste último contacto com outros países. Portanto, o treinador que quiser evoluir não se pode encostar ao que lhe ensinaram no passado; no futebol, embora muitos não acreditem, há sempre um motivo novo.

Uma conversa com Severiano Correia sobre futebol é curiosa e interessa pelas suas opiniões. Respondeu-nos depois a esta pergunta:

— Os jogadores aceitam bem a ginástica?

— Embora o Atlético tenha um dos professores mais competentes, Antero Varejão, que se dedica à ginástica com verdadeiro sacerdócio, não tem deixado de lutar contra a pouca consideração que os jogadores dedicam à ginástica, elemento básico para uma ordenada preparação e melhor rendimento físico.

Fizemos-lhe ainda outra pergunta. Tênicamente, Severiano também podia falar um pouco do futebol português.

— Acha que esta época o nosso futebol pode actuar por forma a afirmar o seu valor?

— Sou dos que confiam cegamente no valor do futebol português. E, talvez por isso, espero, de época para época, sempre me hor.

O nosso jogador vai compreendendo a modalidade e não é difícil fazê-lo actuar como as circunstâncias aconselharem. Seja o que for que nos apareça em qualquer *team* estrangeiro, não nos deixa surpreendidos. Esses tempos já lá vão, em que tudo o que aprecia entre nós era para nos deixar estupefactos.

E Severiano Correia expõe melhor a sua opinião, quando lhe perguntamos qual o aspecto técnico que melhor o impressiona no futebol português:

— Temos ganho, sobretudo na última década, algumas virtudes técnicas que poderiam ser rotuladas de países de maior reputação futebolística. No entanto, uma dessas virtudes tem merecido daqueles que nos visitam os melhores elogios, porque não têm visto melhor: a mocidade do futebol português. Reside nessa arma o maior triunfo do nosso futebol. Pena é que não tenhamos remale correspondente a essa mocidade, mas, mesmo assim, creio que com maior aperfeiçoamento, onde têm de colaborar todos, também poderemos possuir condições para sermos bons remoladores. Acho até que a nossa maior deficiência reside no facto dos nossos jogadores não seguirem o lance até final.

Tínhamos ouvido, e anotado, como curiosidade as respostas que Severiano Correia dera às nossas perguntas. Escolhemos uma série que estava bem adequada ao seu espírito de homem de desporto, de treinador que vive para a bola e de bola, mas que anda no «meio» em plena consciência da vida que escolheu. O resultado desta conversa com o treinador do Atlético deixa claramente transparecer que nele podemos pensar com vista ao futuro. E Severiano Correia continua interessado ao máximo pelas questões técnicas de futebol. Por isso achamos justíssimo o seu desejo de, no final desta época, se deslocar a Inglaterra e de frequentar um curso de treinadores que se efectuará em Nantes.

Fernando Sá

Ano IV — II Série — N.º 204

Lisboa, 30 de Outubro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRAFICAS, LDA.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Cidade João Gonçalves, 18. 3.º — Telef. 5046 — LISBOA
Execução gráfica de NEOGRÁFICA, LIMITADA — LISBOA

O CAMPEONATO DO PORTO



A luta, no Porto-Boavista, apesar da superioridade vencida do campeão do Norte, comportou fases curiosas. Mesmo na área de defesa do Porto!



Um vôo do novo guardarede do Académico. Provoca um «canto» sempre é melhor do que deixar entrar a bola!



Correia Dias voltou! O magnífico avançado encontra a aguerrida resistência dos homens do Boavista!

Há perigo junto das redes do Académico. Eis o guardarede em acção!



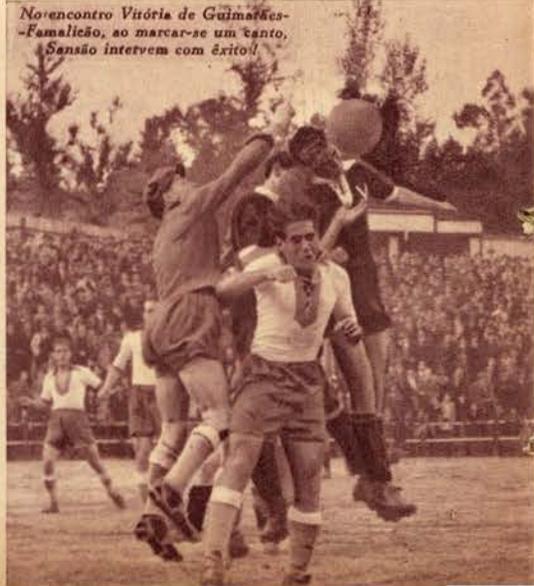
A festa dos basquetistas do C. A. C. O.



A festa de basquete no Campo de Ourique. Os novos jogadores são apresentados e o novo campeão é homenageado.

O REGIONAL da A. F. BRAGA

No encontro Vitória de Guimarães-Famalicão, ao marcar-se um tanto, Sansão intervém com êxito!



A ILUMINANTE

A maior organização do Império
em MATERIAL ELÉCTRICO

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B
e 209



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA

Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2,00